



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
***CAMPUS* PROFESSOR ALBERTO CARVALHO**
DEPARTAMENTO DE LETRAS DE ITABAIANA/DLI
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS LICENCIATURA

ROSÂNGELA CRUZ FREIRE DOS SANTOS

A UTOPIA ANTROPOFÁGICA DE OSWALD DE ANDRADE:
um ideal de Brasil sem roteiros

ITABAIANA/SE

2022

ROSÂNGELA CRUZ FREIRE DOS SANTOS

**A UTOPIA ANTROPOFÁGICA DE OSWALD DE ANDRADE:
um ideal de Brasil sem roteiros**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras (DLI), da Universidade Federal de Sergipe, *campus* Prof. Alberto Carvalho, como requisito para obtenção do título de licenciada em Letras Português.

Orientadora: Profa. Dra. Jacqueline Ramos

ITABAIANA/SE

2022

ROSÂNGELA CRUZ FREIRE DOS SANTOS

**A UTOPIA ANTROPOFÁGICA DE OSWALD DE ANDRADE:
um ideal de Brasil sem roteiros**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras (DLI), da Universidade Federal de Sergipe, *campus* Prof. Alberto Carvalho, como requisito para obtenção do título de licenciada em Letras Português, e à seguinte banca examinadora:

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Jacqueline Ramos (Orientadora)

Universidade Federal de Sergipe

Prof. MSc. João Paulo Santos Silva (Examinador)

Universidade Federal de Sergipe

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me guiar e pela força que tem me dado em todos os momentos de minha vida. A caminhada não foi fácil e sei que sem ele e sua infinita bondade e misericórdia eu não teria chegado até aqui. Quantas vezes busquei, através da oração por seu colo? E todas as vezes Deus estava aqui, ao meu lado, cuidando para que tudo em seu devido momento pudesse dar certo. Obrigada meu Deus!

Agradeço a minha mãe, Maria Júlia, por ser essa grande mulher, referência em minha vida, meu alicerce. Obrigada mãe por me educar, por me proteger e me fortalecer sempre, mesmo quando eu achava que não ia conseguir você sempre tinha uma palavra certa para me levantar. Preciso explicar aqui o grande incentivo que você me deu para que eu finalizasse a minha graduação, sempre me perguntando como estava o andamento do meu TCC, mandando terminar logo isso (minha mãe e suas peripécias). Gratidão minha mãe por tudo!

Agradeço ao meu pai, Carlito, por sempre me apoiar em minhas decisões, sei que te dei muito orgulho por estar finalizando esta faculdade. A sua profissão de caminhoneiro nunca permitiu que você fosse um pai muito presente em minha vida, mas mesmo assim me ensinou a ser cada vez mais uma pessoa melhor. Você também sempre será para mim um grande exemplo de força, coragem e de que sempre temos que encarar todos os obstáculos da vida, ou seja, mesmo com medo devemos simplesmente ir.

Obrigada meus amados pais por todo apoio que me deram durante toda a trajetória de minha graduação!

Aos meus irmãos Márcio e Max por todo o apoio que me deram durante esse período de faculdade. Saibam que cada palavra de incentivo foi de extrema relevância para que eu pudesse realizar o meu sonho. Vocês são fundamentais em minha vida!

Agradeço a todos os professores do curso. Em especial aos professores queridos Roseane, Antonielle e Éverton pela maravilhosa contribuição que deram em minha vida acadêmica. Vocês serão meus exemplos de profissionais da educação por serem verdadeiros educadores, sempre apoiando, acolhendo e confiando de que seus alunos serão, no futuro, excelentes professores.

Agradeço aos meus colegas de faculdade pelo apoio contínuo. Em especial a essas pessoas incríveis que tive a oportunidade de conhecer: Jailma, Karol, Wedson, Eduarda, Karine e Karina, esse grupo que fazia com que minhas noites na universidade fossem muito mais especiais. Levarei vocês para a minha vida!

E para finalizar eu não poderia deixar de registrar aqui toda a admiração, carinho e gratidão a essa professora que tanto me apoiou e que tornou a minha graduação muito mais completa. Jacqueline Ramos, eu te conheci em 2008, no primeiro vínculo que tive com a UFS e desde aquela época passei a admirar a forma como você transmite o conhecimento aos seus alunos, foi a partir desse momento que tive a certeza de que um dia você viria a ser a minha orientadora no TCC. E assim surgiu a primeira oportunidade de aprender muito mais com você através do PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), que me proporcionou desenvolver o pensamento crítico e a verdadeira vocação de seguir pelo caminho da pesquisa. Gratidão é a palavra que direciono a você, minha querida Jacqueline por ter aceitado me orientar, pela confiança e por todo o conhecimento que transmitiu para mim, aprendi muito com você, te agradeço de coração pela paciência e compreensão.

Agradeço a todos que direta ou indiretamente me incentivaram a chegar até o final dessa caminhada.

“Quando o português chegou
Debaixo de uma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português”

Oswald de Andrade

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso propõe um estudo sobre o nascimento e desenvolvimento do pensamento antropofágico de Oswald de Andrade. Tendo em vista ser a antropofagia um projeto estético presente em algumas outras obras de Oswald, este estudo está centrado primordialmente no *Manifesto Antropófago*, publicado em 1928. Assim, o propósito será apresentar uma análise sobre 24 aforismos, procurando desvendá-los através do pensamento crítico e da reflexão cultural que sugere a transformação da cultura estrangeira a partir do processo de deglutição. A antropofagia, segundo o escritor modernista, surgiu como um protesto às leis impostas pela civilização opressora, prevalecendo assim a ideia do ‘homem livre’. A partir da valorização do indígena antropófago, aquele que se alimenta do inimigo para obter as suas qualidades, Oswald relaciona à sua antropofagia essa devoração que resultaria em uma assimilação cultural com o intuito de fortalecer toda a produção artística brasileira. Através do manifesto, Oswald apresenta criticamente não só a história de resistência do ameríndio, mas também a sua antropofagia como uma proposta estética e literária que devido à sua importância alcançou também os campos político, antropológico, cultural, sociológico e filosófico. No manifesto, Oswald apontou a luta contra a cultura considerada ‘adestrada’, pois a antropofagia significava a transformação, ou seja, ‘devorar’ para transformar e não para copiar, sendo essa a ideia central do manifesto: assimilar a cultura do outro a fim de deglutir o que for necessário para a construção da sua própria cultura.

Palavras-chave: Oswald de Andrade. *Manifesto Antropófago*. Antropofagia. Proposta estética.

ABSTRACT

This Final Paper proposes a study on the birth and development of Oswald de Andrade's anthropophagic thought. Considering that anthropophagy is an aesthetic project presents in some of Oswald's other works, this study is primarily focused on the Anthropophagy Manifesto, published in 1928. Thus, the purpose will be to present an analysis about twenty-four aphorisms, seeking to unravel them through critical thinking and cultural reflection that suggests the transformation of foreign culture from the swallowing process. Anthropophagy, according to the modernist writer, emerged as a protest against, thus prevailing the idea of the 'free man'. Based on the appreciation of the anthropophagous Indian, the one who feeds on the enemy to obtain his qualities, Oswald relates to his anthropophagy this devouring that would result in a cultural assimilation with the aim of strengthening all Brazilian artistic production. Through the manifesto, Oswald critically presents not only the history of resistance of the Amerindians, but also their anthropophagy as an aesthetic and literary proposal that, due to its importance, also reached the political, anthropological, cultural, sociological and philosophical fields. In the manifesto, Oswald pointed out the fight against the culture considered 'trained' because anthropophagy meant transformation, that is, 'devouring' to transform and not to copy, this being the central idea of the manifesto: assimilate the culture of the other to in order to swallow what is necessary for the construction of their own culture.

Keywords: Oswald de Andrade. Anthropophagous Manifest. Anthropophagy. Aesthetic proposal.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 A VERDADEIRA IDADE DE OURO:Oswald de Andrade e os anos de 1920.....	14
1.1 O deglutidor de ideias Oswald de Andrade: vida e obra	17
1.2 A antropofagia oswaldiana como devoração crítica e defesa da alegria	22
2 O MANIFESTO ANTROPÓFAGO: sementes de nacionalidade em alguns aforismos....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	53

INTRODUÇÃO

A ideia de estudar a antropofagia de Oswald de Andrade surgiu durante a graduação, quando participei com bolsa de iniciação à pesquisa do CNPq (PIBIC) do projeto de pesquisa da orientadora Jacqueline Ramos intitulado *Sobre o Cômico na Literatura Brasileira Modernista*, a partir de um estudo centrado no romance *Serafim Ponte Grande* (1933). Além da comicidade que fora explorada no *corpus* da pesquisa, o romance possui outros pontos que foram analisados, entre eles a presença da antropofagia no romance, despertando em mim o interesse em investigá-la com mais afinco.

Diante disso, proponho trazer à tona o pensamento antropofágico de Oswald, que surge a partir da metáfora da alimentação em relação ao ritual indígena da tribo dos Tupinambás, para demonstrar a relevância da antropofagia cultural como uma proposta estética que sugere a instituição de uma cultura e arte nacional

Para a execução da pesquisa, primeiramente serão adotadas pesquisas bibliográficas, leituras, resumos e fichamentos com o objetivo de catalogar e pesquisar informações relevantes para um melhor entendimento do tema que será desenvolvido. Tendo em vista ser a antropofagia oswaldiana um projeto estético que despertou a curiosidade de acadêmicos, artigos e teses de doutorado também servirão como foco do estudo para uma análise mais geral.

Os objetivos específicos foram classificados através de uma análise sobre a antropofagia como uma nova proposta estética de libertação para o modernismo; a apresentação através de pesquisa bibliográfica da atuação da antropofagia cultural de Oswald na prosa modernista e a demonstração do verdadeiro propósito da antropofagia como a instituição de uma cultura e arte nacional. Dessa forma, pretendo realizar um levantamento da recepção crítica acerca da antropofagia e o posicionamento de Oswald diante desse movimento que marcou a era modernista brasileira. Dentre eles estão: Alfredo Bosi (2015), Antônio Cândido (2006), Benedito Nunes (1979), Haroldo de Campos (1992), Kenneth D. Jackson (1978) e Roberto Schwarz (1987).

Iniciei os estudos através da leitura do *Manifesto Antropófago*, texto publicado em 1928 na *Revista de Antropofagia*. Nele, Oswald imprimiu, de forma crítica, todas as divergências ocorridas na época da colonização, além de expor a sua *Antropofagia*, que traz um ideal de devoração crítica para a formação de uma autenticidade cultural. O seu projeto antropofágico nasce não a partir da perspectiva do “bom selvagem”, ou seja, a

imagem do indígena “civilizado” que pertenceu ao período romântico, mas a partir do antropófago, aquele que se alimenta do inimigo para adquirir as suas qualidades.

O texto do manifesto possui um estilo fragmentário, composto por 51 fragmentos frasais que aqui identifiquei como aforismos, que de acordo com a definição do dicionário *Michaelis* (2004) significa: “Máxima ou sentença que em poucas palavras contém uma regra ou um princípio de grande alcance”. Através de cada aforismo¹, Oswald de Andrade produziu um manifesto plurissignificativo, com enigmas a serem decifrados. Diante disso, apresentarei um estudo de 24 aforismos que conversam entre si, com o propósito de adentrar de maneira mais profunda no texto através de reflexões que serão relevantes para um possível entendimento de cada trecho apresentado. Serão analisados principalmente aforismos que representaram a relevância da herança indígena associada à história de luta e resistência desses povos nativos. Através do indígena, Oswald traça um caminho pela busca da identidade nacional através de suas raízes culturais como a essência de um Brasil que precisava se libertar dos padrões colonizadores. Sendo assim, Oswald elegeu para a construção do seu projeto estético a imagem do aborígene antropófago, necessário para a construção de seu discurso político e literário. A ideia principal da antropofagia oswaldiana era reconstruir, mesmo que, utopicamente, um novo olhar que resgatasse as raízes do ameríndio antropófago, liberto das amarras do colonizador e, ao mesmo tempo, evidenciar a construção da identidade nacional a partir da deglutição de aspectos de outras culturas.

A antropofagia oswaldiana foi, sem dúvidas, uma das maiores contribuições do poeta e escritor Oswald de Andrade não só para a época modernista, mas para toda a literatura nacional. Por isso, o presente estudo busca apresentar uma abordagem geral acerca do contexto dessa manifestação artística e cultural que foi conduzida pelo escritor Oswald de Andrade no primeiro tempo modernista.

Desde o lançamento do Manifesto Antropófago em 1928, Oswald instituiu a

¹ De acordo com Massaud Moisés em Dicionário de Termos Literários (2004) o termo “Aforismo” significa: *Gr. aphorismós*, definição precisa, pelo lat. *Aphorismus*. Empregado inicialmente por Hipócrates (séc. V a.C.) em seus *Aforismos*, o termo designava toda proposição concisa encerrando um saber medicinal baseado na experiência e que podia ser considerado norma ou verdade dogmática. Com o tempo, o vocábulo estendeu-se a outros ramos do conhecimento, como as Leis, a Política, a Agricultura, as Artes. Desse alargamento de sentido resultou a sinonímia quase completa entre os vocábulos “aforismo” e “máxima”. Livre de erudição, o aforismo caracteriza-se por ocultar “um elemento afetivo, místico, alógico, intuitivo, irracional: certo *esprit de finesse*, em oposição ao sistemático *esprit de géometrie*”, e revelar “a bipolaridade entre lógica e intuição, inteligência e sentimento. A obra de Hipócrates principia com um aforismo que se tornou célebre e exemplar: *ars longa, vita brevis* (“a arte é longa, a vida, breve”).

antropofagia como um verdadeiro legado, refletindo a vertente europeia que é assimilada, absorvida, deglutida e transformada em nova maneira de projetar uma cultura que ainda era vista pelo poeta modernista como primitiva. Dessa forma, o pensamento antropofágico de Oswald possibilitou uma inovação em relação aos padrões literários pertencentes a outras escolas anteriores ao modernismo e vinculadas à cultura europeia, identificando na antropofagia um elemento identitário.

Após um longo período que permaneceu na Europa, Oswald de Andrade conheceu de perto todas as técnicas desenvolvidas pela vanguarda europeia, técnicas essas que consolidaram o caminho para o desenvolvimento da arte moderna, ou seja, uma nova maneira de se fazer literatura que chamou a atenção de Oswald. Dessa forma, a ideia do ritual antropofágico de devorar a carne humana da tribo inimiga a fim de adquirir suas qualidades se somou à essa ideia de trazer à tona a inovação estética, engolindo e digerindo a influência estética estrangeira para que no interior dela pudesse se resgatar uma própria identidade cultural brasileira.

Através do Manifesto, Oswald rejeitava de forma escancarada o comando europeu e a catequese colonial. Além disso, ao se apropriar metaforicamente do ritual indígena da antropofagia, Oswald resgata com força a origem brasileira, combatendo assim a herança colonial europeia através da “devoração”, sendo deglutida e assimilada, renovando assim a cultura brasileira e principalmente se posicionando de forma crítica a padrões literários que eram instituídos. Por isso, Oswald de Andrade, caracterizado por Benedito Nunes (1979, p. 40) como: “o insaciável deglutidor de ideias”, implantou a sua antropofagia que tinha como propósito a independência artística e cultural de uma colônia patriarcalista. Trata-se, portanto, de uma relevante expressão que trouxe para o modernismo uma nova perspectiva em relação à literatura brasileira.

Além disso, a antropofagia oswaldiana é apresentada também como um tema que desperta a curiosidade em entender melhor de que forma ela colaborou para eliminar a ideia de imitação e de se consolidar como uma vertente de ruptura. A ideia de “cópia” nos leva a definir a cultura brasileira como atrasada, ou seja, não existe uma originalidade própria e sim uma imitação da estética europeia que se desconstrói a partir do pensamento antropofágico oswaldiano.

O desenvolvimento dessas questões que envolveram nosso estudo foi organizado em dois capítulos. No primeiro, a ênfase recai sobre a antropofagia e sua recepção crítica

e, no segundo, nos dedicamos à análise dos 24 aforismos selecionados no *Manifesto Antropófago*. Em nossas considerações finais, procuramos resgatar a antropofagia enquanto estética oswaldiana que norteou grande parte de sua obra e que propõe uma nova perspectiva nacional.

1. A VERDADEIRA IDADE DE OURO:

Oswald de Andrade e os anos de 1920

Foi a partir da *Semana de Arte Moderna*, realizada em 1922 na cidade de São Paulo, considerada por Bosi (2015, p. 346) como: um “acontecimento por algo datado, público e clamoroso”, que a escola modernista nasceu e se fez atuante como um verdadeiro divisor de águas em relação à arte e a literatura brasileira. O propósito do modernismo estava em trazer uma nova concepção estética em relação a outras escolas às quais pertenciam os cânones, e essa inovação artística ocorreu através da experiência que os escritores de 22 tiveram com a vanguarda europeia.

Tendo em vista ser o Modernismo uma escola literária que tinha por objetivo romper com o tradicionalismo para que uma nova tendência pudesse prevalecer, entende-se que seria muito mais que um movimento cultural e artístico, mas um movimento que despertasse a crítica e a luta pela liberdade de expressão, rompendo de vez com paradigmas pertencentes à “velha guarda”. E foi a *Semana de 22* que apresentou ao Brasil essas inovações modernistas, as quais alguns artistas se tornaram integrantes, dentre eles estão: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Anita Malfatti, Victor Brecheret, Di Cavalcante, Menotti del Picchia, Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira, Sergio Milliet e Vila-Lobos.

Foram as inovações estéticas europeias que despertaram a atenção desses escritores que se empenharam em transcender a literatura apegada a padrões arcaicos, propondo uma arte que revolucionaria a literatura brasileira do século XX: “No contexto ulterior da Semana de Arte Moderna, esse *background* europeu proporcionou aos modernistas meios de expressar temas ou caracterizações nacionais através de métodos inovadores de composição” (JACKSON, 1978, p. 13). É o caso, por exemplo, do poeta Oswald de Andrade que conheceu de perto em sua viagem para Paris o Futurismo de Filippo Tommaso Marinetti, cujo movimento artístico tinha por objetivo exaltar o grande desenvolvimento tecnológico, além de outros movimentos estéticos da vanguarda europeia:

Em um nível cultural bem determinado, o contato que os setores mais inquietos de São Paulo e do Rio mantinham com a Europa dinamizaria as posições tomadas, enriquecendo-as e matizando-as. Começam a ser lidos os futuristas italianos, os dadaístas e os surrealistas franceses. Ouve-se a nova música de

Debussy e de Millaud. Assiste-se ao teatro de Pirandello, ao cinema de Chaplin. Conhece-se o cubismo de Picasso, o primitivismo da Escola de Paris, o expressionismo plástico alemão. Já se fala da psicanálise de Freud, do relativismo de Einstein, do intuicionismo de Bergson. Chegam, enfim, os primeiros ecos da revolução russa, do anarquismo espanhol, do sindicalismo e do fascismo italiano (BOSI, 2015, p. 348).

É notória a relevância da vanguarda europeia para os artistas, principalmente aqueles que conheceram de perto todos os seus procedimentos inovadores quando viajavam para a Europa, é o caso de Oswald de Andrade: “Quando Oswald de Andrade chegou lá – ainda um jovem de vinte e dois anos – entrou em contato pela primeira vez com os movimentos maduros da *avant-garde* nas artes que mais tarde difundiria no Brasil” (JACKSON, 1978, p. 13). Foi exatamente nesse momento, início do século XX, que a Europa enfrentava um clima de tensão, não só por estar rompendo com toda a arte e cultura considerada “obsoleta”, mas por ser esse o período em que o campo político também atravessava um período turbulento por estar às vésperas da Primeira Guerra Mundial. Diante desse panorama, os artistas modernistas brasileiros sentiram a necessidade de criar uma arte mais liberta e isso se confirmou através de cada pintura, escultura e versos elaborados.

O movimento se destacou logo após a realização da *Semana de Arte Moderna* em 1922, decretando assim um Brasil genuinamente independente, livre de tudo o que pertencia à tradição clássica, de todos os padrões estéticos. O objetivo de Oswald de Andrade e demais representantes da escola modernista era mergulhar profundamente na essência de um Brasil com suas próprias raízes, sua própria arte e literatura, rompendo completamente com o passado canônico, formando assim a nossa própria identidade cultural, é o que defende Andrade (2011, p. 15) ao afirmar que: “O poeta agora pode enxergar com olhos livres”. Sendo assim, o pensamento modernista trouxe à tona a ampliação e a “desopressão” da identidade brasileira, levando Oswald de Andrade e outros integrantes da escola a resgatar a historiografia nacional, restituindo valores indígenas e africanos, por exemplo, sendo o retorno a estes valores relevante para a constituição da cultura e arte nacional.

Nesse sentido, Oswald e demais integrantes fundaram um movimento que se libertou do radicalismo europeu. Por isso, o modernismo nasce não só para resgatar valores que foram mascarados por tanto tempo pelos colonizadores, mas como uma forma de se criar uma nova maneira de se fazer literatura, um tipo de arte que expressasse o

valor nacional: “O nosso Modernismo importa essencialmente, em sua fase heroica, na libertação de uma série de recalques históricos, sociais, étnicos, que são trazidos triunfalmente à tona da consciência literária” (CÂNDIDO, 2006, p. 126). Por isso, o movimento modernista foi, sem dúvidas, um relevante momento de ruptura e ao mesmo tempo de reflexão acerca da identidade nacional através da implantação de novas perspectivas e novos conceitos relacionados à arte e à cultura brasileira. E foi Oswald de Andrade um dos maiores idealizadores do movimento, que, com o seu jeito crítico e irreverente de ser, introduziu uma nova estética para pensar o nacional.

A Semana de Arte Moderna de 1922 foi considerada um marco para a difusão dos ideais modernistas, reunindo artistas de algumas áreas que através de exposições demonstraram sua arte e cultura com o objetivo de propagar as novas propostas estéticas. Mas antes da realização da “Semana”, um fato chamou a atenção da opinião pública: a exposição de Anita Malfatti, realizada em dezembro de 1917, que recebeu críticas de Monteiro Lobato, críticas essas que ele expôs em seu artigo que continha, desde o seu título, um tom bastante ousado: “Paranoia ou Mistificação”. Esse artigo causou revolta e um efeito negativo para a artista, que trouxe da Europa as ideias inovadoras do Expressionismo e Cubismo, introduzidos em suas pinturas. Anita foi defendida primeiramente por Oswald de Andrade e logo depois por Mário de Andrade e Menotti del Picchia, também integrantes do grupo modernista.

Mas mesmo diante desse cenário de tensões, os integrantes do movimento se tornaram cada vez mais consistentes em seu ideal de busca e afirmação de uma “arte nova”, sendo o Futurismo uma das vertentes da vanguarda mais utilizadas pelo grupo modernista. Como lembra Bosi, “O termo futurismo, com todas as conotações de extravagância, desvario e barbarismo, começa a circular nos jornais brasileiros a partir de 1914 e vira ídolo polêmico na boca dos puristas” (2015, p. 371). Somente através de um estudo de suas obras é que se poderia verificar o quanto se dedicaram para que essas inovações estéticas fossem incorporadas à cultura nacional.

As inovações atingem os vários estratos da linguagem literária, desde os caracteres materiais da pontuação e do traçado gráfico do texto até as estruturas fônicas, léxicas e sintáticas do discurso. Um poema da *Pauliceia Desvairada* ou um trecho de prosa das *Memórias Sentimentais de João Miramar*, um passo qualquer extraído de *Macunaíma* ou um conto ítalo-paulista de Antônio de Alcântara Machado nos dão de chofre a impressão de algo novo em relação a

toda a literatura anterior a 22: eles ferem a intimidade da expressão artística, a corrente dos significantes (BOSI, 2015, p. 382).

De acordo com Bosi, o movimento modernista proporcionou experiências inovadoras e uma das melhores fases para a literatura brasileira, pois conseguiu se manifestar em vários campos das artes, escultura, pintura e principalmente na produção literária que se refere a prosa e a poesia. Em todos esses campos é bem notória a presença dessa nova expressão artística que se distingue e rompe completamente com o tradicionalismo utilizado na literatura anterior ao movimento modernista. E foi graças ao conhecimento da vanguarda europeia que o texto literário passou por uma mudança radical em seu modo de construção sendo, cada verso, cada palavra, relevantes para que o texto tenha o seu devido caráter inovador que buscou ser mais afim com a identidade nacional.

Em relação às obras modernistas, dois aspectos devem ser levados em consideração: o nacionalismo crítico resultante de uma observação mais precisa da vida brasileira e a necessidade que tinham os modernistas de estilos de escrever inovadores e contemporâneos através dos quais pudessem expressar sua nova consciência da realidade (JACKSON, 1978, p.).

Diante do exposto é possível afirmar que o modernismo brasileiro nasceu a partir da ruptura dos padrões estéticos conservadores e propondo novas abordagens. A escola modernista através de seus representantes evidenciava a relevância de se resgatar a própria cultura de um país, principalmente países que, assim como o Brasil, enfrentaram processos de colonização. O objetivo era de fato romper com o que era considerado “arcaico” para que uma nova ideia de nacionalismo pudesse renascer e se fazer atuante. Foi assim que em 1928 Oswald resolve publicar o *Manifesto Antropófago* na primeira edição da *Revista de Antropofagia*, uma das mais relevantes produções da primeira fase modernista, inaugurando assim a antropofagia oswaldiana.

1.1 O deglutidor de ideias Oswald de Andrade: vida e obra

José Oswald de Sousa Andrade, considerado por Benedito Nunes (ano, p. 31) como: o “ponta-de-lança do nosso modernismo”, nasceu na cidade de São Paulo em 11 de janeiro de 1890, iniciando os seus estudos no ano de 1900 na Escola Modelo Caetano de Campos. Três anos depois, Oswald é transferido para o Colégio São Bento onde

conclui os seus estudos com o diploma de bacharel em humanidades. Em 1909 resolve seguir a carreira de jornalista como redator e crítico teatral do *Diário Popular*, ingressando, logo em seguida, na faculdade de Direito e em 12 de agosto de 1911 funda a revista literária '*O Pirralho*'.

Em 1916, assinou passagens do romance *Memórias Sentimentais de João Miramar* que foram publicadas em 17 e 31 de agosto em *A Cigarra*, e no ano seguinte conhece os escritores Mário de Andrade, Guilherme de Almeida, Ribeiro Couto e Di Cavalcante, formando assim o primeiro grupo modernista. Já em relação à exposição de Anita Malfatti sobre as tendências da arte expressionista, Oswald a defendeu das críticas que ela recebeu de Monteiro Lobato em '*O Estado de São Paulo*', encerrando em fevereiro do mesmo ano a publicação de '*O Pirralho*'. Aos poucos Oswald vai se destacando como um homem a frente de sua época e assim se tornando muito relevante para o movimento modernista. É o que nos afirma Alfredo Bosi:

Oswald de Andrade representou com seus altos e baixos a ponta de lança do “espírito de 22” a que ficaria sempre vinculado, tanto nos seus aspectos felizes de vanguardismo literário quanto nos seus momentos menos felizes de gratuidade ideológica. É a partir de Oswald que se deve analisar criticamente o legado do Modernismo paulista, pois foi ele quem assimilou com conaturalidade os traços conflitantes de uma inteligência burguesa em crise nos anos que precederam e seguiram de perto os abalos de 1929/30 (BOSI, 2015, p. 394).

Através do seu jeito irreverente e debochado, Oswald de Andrade desenvolve uma estética singular no modernismo, escancarando tudo o que se encontrava reprimido na sociedade burguesa. Logo após participar ativamente da *Semana de Arte Moderna*, em 1922, no Teatro Municipal de São Paulo, Oswald publica em 1924 no “*Correio da Manhã*” o seu primeiro manifesto: *O Manifesto da Poesia Pau Brasil* e em 1928, *O Manifesto Antropófago* na *Revista de Antropofagia*. Há nestes manifestos, textos de grande valor para a época modernista, pois neles são apresentados preceitos sobre o fazer artístico que segundo Oswald seria traçado na recusa, passando a produzir um tipo de arte que fosse independente dos padrões europeus, respeitando elementos culturais genuinamente nacionais. É sobre essa autenticidade que Benedito Nunes em seu livro

Oswald Canibal nos esclarece acerca da importância do primitivismo nas obras de Oswald de Andrade.

Para Oswald de Andrade sobretudo, era o primitivismo que nos capacitaria a encontrar nas descobertas e formulações artísticas do estrangeiro aquele misto de ingenuidade e de pureza, de rebeldia instintiva e de elaboração mítica, que formavam o depósito psicológico e ético da cultura brasileira (NUNES, 1979, p. 25).

Foi através desses manifestos que Oswald destacou a importância do primitivismo, tendência essa difundida pelos modernistas de 22 por ser um tipo de arte que busca as raízes mais autênticas em relação a cultura indígena.

Oswald de Andrade viajou muito, não só pelo Brasil, mas também pela Europa, viagens estas que foram de grande valia para que toda a experiência adquirida fosse transferida para a sua produção literária, proporcionando um contato do Modernismo com a Europa, foi lá que Oswald conheceu de perto os movimentos maduros da *avant-garde* que foram de grande valia para a implantação do novo. Ao retornar de sua primeira viagem, Oswald, com apenas 22 anos de idade, traz em sua bagagem intelectual o futurismo de Marinetti, que trazia como proposta a ideia de transmitir para a arte as diversas transformações pelas quais a civilização técnica impunha, dentre elas, o culto à liberdade das palavras, além da influência dos outros movimentos que juntos trouxeram a inovação para o movimento modernista.

Todos esses degraus da modernidade – Cubismo, Dadaísmo e Surrealismo – galgou o movimento de 22 por obra de Mário e Oswald de Andrade. Ambos jamais ocultaram a convivência intelectual que mantiveram com os escritos representativos das correntes renovadoras de então, e que eram, como se pode ver hoje, as alas de um só movimento sensíveis à situação problemática da literatura e da arte. (NUNES, 1979, p. 08)

A adoção dos procedimentos da vanguarda europeia prosseguiu durante toda a década de 1920, tornando a produção de Oswald diferenciada em relação aos outros cânones. Uma das marcas dessa singularidade refere-se à sua maneira de escrever, sendo a escrita fragmentada uma dessas marcas de sua escrita que exigia do leitor um certo

conhecimento em relação aos procedimentos vanguardistas. Dessa forma, o escritor, que se destacou por estar à frente do movimento modernista, traz à tona a ideia de construção de uma nova estética e a valorização da cultura nacional.

Insatisfeito em relação aos padrões estéticos que pertenciam a outras escolas anteriores ao modernismo, Oswald de Andrade se utiliza de uma extrema ousadia que vai atribuindo forma ao Modernismo. Oswald pretendia fundar uma literatura completamente distinta em seu modo de fazer arte, ou seja, que se libertasse em relação à cultura europeia para que uma cultura nacionalista pudesse então nascer e se fazer atuante e para isso contou com a colaboração da vanguarda europeia: “Com a sua impaciência teórica, com a sua particular avidez do novo e da novidade, ele foi, dos nossos modernistas, aquele que mais intimamente comungou do espírito inquieto das vanguardas europeias” (NUNES, 1979, p. 11).

Além de todos os fundadores de movimentos estéticos presentes na Europa que Oswald chegou a conhecer, foi na cidade de São Paulo que o escritor frequentava reuniões que eram formadas por intelectuais, artistas e literatos sobre assuntos mais aprofundados sobre a arte e a cultura brasileira. E foi na década de 1920 que Oswald de Andrade mais se destacou, não só por ter liderado com outros escritores a Semana de Arte Moderna, em 1922, mas por ter vivido a melhor fase de produção artístico-literária modernista não só em relação à poesia, mas também em relação aos romances produzidos. É o caso de: *Os Condenados* (1922), *A Estrela de Absinto* (1927) e *A Escada Vermelha* (1934), romances pertencentes à “trilogia do exílio”; assim como da publicação em 1924 de *Memórias Sentimentais de João Miramar*.

É interessante ressaltar que em grande parte de sua produção literária, Oswald se utiliza do humor como um artifício para chamar a atenção não só do leitor, mas principalmente dos intelectuais e artistas que ele pretendia atacar através de suas críticas. Através do uso da sátira, um verdadeiro humor debochado, expressões aprendidas com a vanguarda, o escritor consegue se desprender de todos os padrões que eram utilizados pelos cânones literários e artísticos que antecederam o modernismo. É o caso do romance *Serafim Ponte Grande*, publicado em 1933, esse romance que teve uma grande repercussão por trazer a ousadia de um fazer literário que busca através da comicidade das palavras trazer à tona um escritor inconformado em seguir padrões, demonstrando

uma determinada provocação através de formas que expressam bem a linguagem e a riqueza de sua escrita.

Dentre suas viagens realizadas à Europa, Oswald adquiriu experiências que lhe proporcionaram construir ideais para a sua trajetória intelectual nacional. O escritor participou de relevantes e polêmicos debates políticos e artísticos pertencentes ao século XX, se posicionando ativamente na luta a favor da busca por uma “identidade nacional”. Assim, Oswald traz à tona a sua “utopia” ao se posicionar em relação ao meio político, social e cultural com o intuito de mostrar que ao se desprender dos moldes europeus, seria possível idealizar o Brasil independente e descolonizado.

Diante disso, é possível afirmar que a verdadeira independência do Brasil se declara principalmente a partir da libertação artística que Oswald instituiu com toda a sua irreverência ao perceber todos os efeitos negativos da colonização na sociedade brasileira. Apesar de ter ingressado no partido comunista a partir de 1930, anos depois, o escritor abandona o comunismo e volta a defender com afinco a antropofagia. Sem dúvidas a Antropofagia foi o projeto cultural de maior peso em toda a poética de Oswald de Andrade, não só por trazer à tona todos os problemas da colonização, mas principalmente por ser um projeto que procura resgatar os valores indígenas que se encontravam recalçados em seu *Manifesto Antropófago*.

O indígena serve a Oswald de duas formas: por ser a origem pura, a referência primária de brasilidade e pelo fato de possuir uma cultura antropofágica, que permitiria as analogias entre cultura indígena e arte, pois enquanto o índio antropofágico se alimentava de guerreiros fortes como forma simbólica de adquirir suas qualidades, Oswald propõe que o artista se “alimente” da produção cultural do outro assimilando suas qualidades (MARTINS E RESGALA, 2017, p.33).

É notório que Oswald se empenhou de forma significativa sobre a historiografia brasileira, não só por trazer à tona o indígena e toda a sua história de resistência, como também pela elaboração de sua Antropofagia, que foi reconhecida por ser um projeto estético e literário, além de sua capacidade de alcance político, antropológico, cultural, sociológico e filosófico. Através do uso da metáfora do homem antropófago, aquele que devora o inimigo para adquirir as suas qualidades, Oswald apresenta a sua antropofagia

cultural como uma ferramenta em constante construção de uma própria identidade nacional.

1.2 A antropofagia oswaldiana como devoração crítica e defesa da alegria

Publicado em 1928 na primeira “dentição” da *Revista de Antropofagia*, o *Manifesto Antropófago* foi, sem dúvidas, uma das produções de Oswald de Andrade que mais causou impacto por trazer à tona uma visão crítica sobre todo o passado histórico em que o Brasil viveu na época da colonização. Através do Manifesto, Oswald pretendia destacar o ameríndio e sua cultura como a essência de um Brasil que precisava se libertar do colonizador. Com isso, Oswald transfere para o seu projeto a ideia da antropofagia indígena como metáfora para uma devoração crítica, que tinha por objetivo atacar e destruir o processo civilizatório que trouxe a catequese como uma das principais formas de dominação europeia.

A “Antropofagia” oswaldiana é o pensamento da devoração crítica do legado cultural universal, elaborado não a partir da perspectiva submissa e reconciliada do “bom selvagem” (idealizado sob o modelo das virtudes europeias no Romantismo Brasileiro de tipo nativista, em Gonçalves Dias e José de Alencar, por exemplo), mas segundo o ponto de vista desabusado do “mau selvagem”, devorador de brancos, antropófago. Ela não envolve uma submissão (uma catequese), mas uma transculturação; melhor ainda, uma “transvaloração” [...] (CAMPOS, 1992, p. 234).

A antropofagia indígena não era considerada canibalismo porque se tratava de um ritual em que as comunidades capturavam o inimigo e acreditavam que ao ingerir a carne humana deste, iriam adquirir as suas qualidades. Dessa forma, Oswald constrói um conceito metaforizado de sua própria antropofagia, não só no sentido de valorizar o ritual indígena, mas como objetivo principal de deglutir culturas, não no sentido de copiar, mas de se obter através delas o que é necessário para a construção de uma cultura e arte própria. Este conceito nasceu após viagens que Oswald fez à Europa, onde esteve em contato com a vanguarda europeia, ampliando a sua visão para uma releitura sobre a

história do Brasil, que culminaria em sua estética antropofágica para que assim pudesse estruturar a cultura nacional a partir da deglutição de outras culturas.

Através desse projeto, Oswald demonstra o quanto discordava da cópia dos moldes estrangeiros, sendo o manifesto um verdadeiro protesto a tudo que fosse considerado um modelo “adestrado”: “O pecado original, causa da desconexão, foi a cópia. Os efeitos negativos dela, entretanto estão no plano da cisão social: cultura sem relações com o ambiente, produção que não sai do fundo de nossa vida” (Schwarz, 1987, p. 10). Roberto Schwarz assim como Oswald compartilhavam da ideia de que copiar uma cultura seria apagar a sua própria originalidade, o objetivo seria então assimilar para transformar em uma autêntica cultura brasileira. Por isso, Oswald se vale do indígena selvagem, liberto, por ser ele considerado o símbolo da nacionalidade e naturalidade, figura relevante para a literatura brasileira, isto é, pela analogia entre a sua cultura antropófaga e a arte. Em se tratando do movimento antropófago de Oswald é o próprio artista quem “devora” a cultura do outro assimilando certos aspectos em sua própria cultura.

O manifesto antropófago apresenta uma estrutura particular em sua composição, pois além da presença de uma linguagem metafórica, Oswald soube imprimir todo o seu propósito de trazer à tona algo que se encontrava reprimido. O uso de bordões, aforismos e repetições nos dá a ideia de que Oswald realmente estaria criando um texto para ser lido em voz alta, uma verdadeira manifestação de inquietude pelo desejo de evidenciar uma cultura que foi apagada pelo colonizador, isto é, o Brasil que se encontrava adormecido pelas mãos do europeu. É nesse viés que procura produzir um texto que chame a atenção do leitor até mesmo por sua escrita trazer as marcas da linguagem indígena afim de resgatar a identidade cultural desses povos em todos os sentidos.

Parece-me, neste caso, interessante agregar a esta linguagem oswaldiana – sem pontos nem vírgulas, fragmentada, rítmica, com buracos no meio da frase, gerados pela ausência de preposições e conjunções – a inspiração da própria comunicação indígena, mais sintética, incisiva e musical em sua própria natureza. Ao contrário de Hans Staden, Oswald não se contenta em somente narrar o acontecido, com a linguagem “padrão” ocidental. O poeta prefere se contaminar não só de uma possível “outra lógica” dos Tupi, mas sobretudo recriar no papel a linguagem essencialmente oral dos ameríndios (AZEVEDO, 2012, p. 24).

De acordo com a pesquisadora, ao redigir o manifesto, Oswald assimila também a linguagem indígena, seja no léxico, seja no plano sintagmático. Diante disso, mais uma vez o escritor modernista mostrou a sua luta pelos povos indígenas, o quanto ele fazia questão de mostrar a importância da cultura indígena para a literatura nacional.

A própria escolha pelo gênero “manifesto” já demonstra que Oswald pretendia reivindicar por ser ele um documento que legitimou o conceito da verdadeira identidade nacional. É interessante ressaltar que essa ideia de busca pela identidade nacional iniciou-se no *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, primeiro manifesto produzido por Oswald em 1924, e que teve uma grande relevância para o período modernista por apresentar o desejo pela busca da verdadeira arte nacional através da relação entre o externo e o interno. Já o *Manifesto Antropófago*, mesmo sendo considerado continuação do Pau-Brasil, possui um radicalismo que é bem aparente, um tom mais agressivo que Oswald utiliza com o objetivo de atacar todo o conservadorismo estético que causa “a indigestão cultural e arruína o organismo nacional” (DIRENZI, 2019, p. 33). A ideia principal era destruir para reconstruir uma identidade própria através de uma utopia de Brasil que trouxesse uma nova concepção cultural, social, política e econômica, sempre no sentido de incorporar o novo.

É importante salientar que a inspiração para construir o seu manifesto e o movimento antropofágico surgiu da pintura *Abaporu*, criada em 1928 pela pintora Tarsila do Amaral, na época esposa de Oswald. O escritor, então encantado pela obra, resolve mostrar ao seu amigo Raul Bopp que logo sugerem um título de origem tupi: Aba (homem) + Pora (gente) + Ú (comer), significando assim: “o homem que come gente”. Dessa forma, Oswald e o seu amigo começaram a ver naquela figura de um homem com o pé plantado no chão um verdadeiro indígena antropófago, destacando assim a antropofagia como uma metáfora de devoração da cultura europeia, se apropriando dela para que assim possa reinventá-la em uma autêntica identidade nacional. Em entrevista concedida ao *Correio da Manhã*, em 1969, Tarsila do Amaral relata o momento em que presenteou Oswald com a obra e como ele chegou à ideia da implantação de sua antropofagia cultural.

Mas que coisa estranhíssima – dizia [Oswald] -, como é que você teve a ideia de fazer isso? Parece-me um antropófago. No dia seguinte, Oswald chamou Raul Bopp para ver o quadro. Bopp também ficou impressionadíssimo, espantado, sem saber o que dizer. Aí me perguntaram se poderiam chamar aquilo de

“antropófago”. Respondi: esperem um instante, vou buscar meu dicionário de tupi-guarani. E foi no dicionário de Montoya, que tenho até hoje, que descobri a palavra-chave: ABA-PURU. Raul Bopp, que estava por perto, sugeriu que se fizesse um movimento em torno do meu quadro. E assim eles fundaram a “antropofagia”. Na verdade, eu mesma não sabia por que tinha feito o abá-poru. (...). Tenho certeza absoluta que de meus quadros da antropofagia nasceram das reminiscências da infância (MAURÍCIO, 1969, p. 11).

A partir desse momento, Oswald, Bopp e Tarsila organizaram um movimento de reação, sendo através do manifesto antropófago que Oswald demonstraria com “aspereza” uma crítica ao processo de colonização implantado no Brasil pelos europeus que através da catequese impuseram aos indígenas suas leis e tabus que pertenciam à civilização, impedindo-os de viver sem restrições. A antropofagia oswaldiana nasce exatamente para resgatar esses valores que nasceram muito antes do europeu chegar em terras brasileiras, e para aproveitar o que de melhor possui essa cultura europeia, descartando o que não é propício, assim como o ritual praticado pelo indígena antropófago.

Nenhum outro gênero textual poderia expressar com tanta força tudo o que Oswald de Andrade pretendia expor através do seu manifesto antropófago. O gênero “manifesto” teve seu primeiro surgimento em países de língua francesa no final do século XVII, sendo um documento destinado a se fazer declarações públicas, geralmente voltado para a área política. Sobre o surgimento deste gênero, tão necessário para expor a antropofagia oswaldiana, nos afirma Beatriz Azevedo:

No século XVII, a terminologia passa a encampar o contexto e as personagens do universo político, onde príncipes e senhores é que produzem “manifestos”. A definição de Furetière (1690), por exemplo, marca o manifesto como declaração das intenções dos príncipes ao começar uma guerra. (Isto será também elucidativo na análise do “Manifesto Antropófago” sob a perspectiva ritual da antropofagia guerreira) (AZEVEDO, 2012, p. 43).

De acordo com a escritora, foi a partir do século XVII que o gênero manifesto surgiu para declarações públicas de príncipes e senhores. E Somente a partir da segunda metade do século XIX, é que esse gênero passou a ser utilizado também por grupos artísticos por ser um documento de grande importância para a averiguação e

conhecimento sobre um determinado assunto. A estrutura montada por Oswald e o texto contido no *Manifesto Antropófago* demonstra o quanto esse gênero foi relevante para apresentar não só a crítica apurada sobre a história do Brasil e os efeitos do processo de colonização, mas também para destacar a nacionalidade brasileira através de culturas nativas.

Nesse sentido, é possível afirmar que foi através do *Manifesto Antropófago* que Oswald contestou tudo o que fugia da verdadeira nacionalidade, por isso escolheu o indígena, pois a sua cultura evidenciava toda a originalidade brasileira. Ao trazer à tona a imagem do indígena antropófago, Oswald não só resgatou uma das culturas que mais demonstrou essa brasilidade pura que ele almejava trazer para o seu projeto, como também conseguiu fazer uma analogia relevante entre a antropofagia e a arte. A antropofagia indígena enquanto um ritual em que se alimentar do inimigo capturado traz a assimilação de suas qualidades permitiu ao escritor modernista transmitir a mesma ideia para a arte e literatura ao propor a importância de consumir e assimilar da arte estrangeira somente o que fosse necessário para a construção de uma literatura nacional.

Em seu *Manifesto Antropófago*, Oswald de Andrade procura revelar a dissimulação de um povo ‘civilizado’ que procura impor as suas leis através da colonização, e o manifesto traz trechos que mostram o repúdio contra essas convenções, tais como: “O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeável entre o mundo interior e o mundo exterior. A reação contra o homem vestido. O cinema americano informará” (ANDRADE, 1928, p. 1). Essa passagem coincide com o capítulo mencionado acima, ou seja, as pessoas que se despem para mostrar o seu livre arbítrio, longe das amarras sociais “Contra a realidade social, vestida e opressora” (ANDRADE, 1928, p. 4).

Oswald deixa claro que devido a chegada da civilização e da catequese em terras brasileiras nada mais foi como antes, pois toda a cultura e religião indígena se tornaram extintas, ou seja, todos os seus costumes tiveram que ser esquecidos. Costumes esses que demonstravam claramente um modo de vida liberto, natural, em que não havia repressão alguma, isto é, os índios desconheciam tudo o que estaria relacionado à dominação e o pecado e por isso não havia a culpa por ter praticado o incesto ou o ritual antropofágico, por exemplo. O manifesto demonstra através de alguns trechos que esse modo de vida tão natural no qual viviam os indígenas era para eles o sinônimo de felicidade. Assim, Oswald mostra que, para que essa felicidade seja restaurada é preciso agir contra tudo o que impõe

os povos cultos e cristianizados. Em relação aos povos indígenas, Bopp (2012) ressalta que:

O nosso indígena foi obrigado a crer, ser devoto, acompanhar as liturgias da igreja, soletrar as leis da “Boa Razão”. Perdeu aquela “inocência contente” de que nos fala Vieira. Com essa transposição cultural, aquele indivíduo de instintos primários “impaciente de sujeição” (Vieira), transformou-se num catecúmeno submisso. Desvalorizou-se pela humildade (p. 57).

Por isso que um dos objetivos do manifesto é exatamente evidenciar que os indígenas representam o verdadeiro símbolo de brasilidade, ou seja, que esses povos jamais seriam por conta própria adeptos de um modo de vida copiado, justamente por se sentirem felizes, realizados com os seus costumes que representariam a naturalidade. Nesse sentido, é notória a presença de uma defesa por essa naturalidade indígena nos dois manifestos de Oswald de Andrade, mas foi através do *Manifesto Antropófago* que o escritor radicalizou ao apresentar não só a sua preferência pelo indígena bárbaro, mas por ser esse indígena selvagem, canibal a representação de uma pureza que marcaria a distinção da Europa civilizada, demonstrando assim o verdadeiro propósito da antropofagia que seria a formação do homem natural a partir da seleção daquilo que é válido para a sua constituição.

É importante ressaltar que a construção da arte e cultura brasileira não se resumiria a uma cópia estrangeira, mas completamente diversificada por conter pedaços de culturas como a ameríndia, africana, oriental, asiática e europeia. Pedaços esses que seriam transformados ao serem digeridos, retirando qualquer ideia de culpa por não se entregar a uma submissão por incorporá-las, resultando assim em um enriquecimento que nasce através de uma devoração intercultural. O problema em reproduzir uma cultura de acordo com a visão crítica de Oswald estaria em retirar a autenticidade de uma origem que deveria ser brasileira, mas que deixava de ser reconhecida como tal no momento em que tudo se identificava como estrangeiro. E foi através da colonização que tudo isso se iniciou, pois foram os ameríndios os primeiros habitantes que tiveram que se submeter a uma outra cultura à qual eles não conheciam, sofrendo ataques violentos para aceitarem de maneira forçada um modo de vida civilizado que exterminaria de vez com aquela felicidade por ser livre. A antropofagia representou a luta e o inconformismo de Oswald

diante desse cenário vivido na época da colonização, sendo relevante para o resgate dessas raízes culturais destruídas pelas mãos do colonizador.

A Antropofagia nasce exatamente como resposta a isso. Um revide desabusado que busca inspiração no homem natural e nos elementos étnicos, estéticos e culturais reprimidos e deturpados pela ação colonizadora. Propõe para isso a justiça do tacape: “(...) pau na cabeça. Você comeu meu irmão, agora quem come sou eu, em artigo publicado na Revista de Antropofagia (AZEVEDO, 2012, p. 60-61).

Azevedo aponta que foi através de sua antropofagia que Oswald utilizou toda a sua competência crítica e cômica para desmascarar uma civilização dissimulada que obrigou o indígena a se vestir, oprimindo o seu modo de vida; que ignorou a sua crença religiosa em deuses que os protegiam, levando-os para o caminho da catequese, além de suas propriedades que a partir daquele momento não seriam mais coletivas. O intuito era exterminar tudo o que pertencia à cultura indígena e impor, seja através da violência ou da lábia, um outro modo de vida, demonstrando quem detinha o poder de determinar uma cultura que a partir daquele momento seria eleita como legítima.

Além disso, a disputa pelo poder não se referia somente à cultura, mas também ao uso da língua, que na concepção dos colonizadores somente uma delas deveria prevalecer sobre as outras. Com efeito, Oswald traz como uma das particularidades da antropofagia, a devoração de palavras de outras línguas para o enriquecimento da língua portuguesa que em uma visão europeia muitas dessas palavras incluídas significavam a desvalorização da língua ou até mesmo o desconhecimento delas, resultado do preconceito do que, para eles, era considerado “não civilizado”.

O que definia o indígena era a sua língua, a sua origem, traços relevantes de sua força que foram pisoteados pelo colonizador que usou a sua astúcia para se apossar de todos os costumes e até mesmo da língua desses povos, pois assim seria mais fácil de se aproximar para catequizá-los. Através da catequese, os indígenas foram proibidos de viver conforme sua língua, cultura e religião para que a cultura colonizadora pudesse prevalecer e foi exatamente essa cultura indígena, apagada pelo europeu que Oswald procura resgatar em seu projeto antropofágico, além de sugerir que devemos devorar a herança indígena baseada na resistência e sabedoria. “Oswald de Andrade faz com que o

índio antropófago – que adota como sua visão particular de um homem livre – se manifeste, desde o primeiro instante, já no título de sua obra, realizando aquilo que Antônio Candido chamou de ‘desrecalque’” (AZEVEDO, 2012, p.46).

Foi justamente essa divergência entre colonizador e colonizado que Oswald de Andrade buscou destacar em seu projeto antropofágico. É nele que o escritor modernista faz, através do seu olhar, a sua própria interpretação através de uma releitura sobre a história do Brasil na época da colonização. Além disso, Oswald utiliza a antropofagia como metáfora para mostrar como poderíamos nos transformar a partir da devoração do outro para a criação de nossa própria identidade. Por meio de aforismos, o *Manifesto Antropófago* expressa algumas marcas deixadas por uma colonização repressora que instituiu à força direitos e uma religião, retirando assim a verdadeira originalidade de um povo, mas também demonstra o quanto esses povos eram felizes antes do colonizador chegar em terras brasileiras: “Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade” (ANDRADE, 1928). Ao construir o seu discurso antropofágico, Oswald fomentou a criação de um movimento de grande impacto nacional que demonstrou valores mais profundos de um Brasil que ainda se identificava como reprimido: “O Manifesto Antropófago representa a coluna vertebral do corpus antropofágico da obra de Oswald de Andrade” (AZEVEDO, 2012, p.31). Dessa forma, o *Manifesto Antropófago* tinha o objetivo de resgatar os valores culturais, sociais e políticos para a consolidação da formação identitária brasileira, que se encontravam esquecidas devido à influência europeia.

Em sua tese *A Crise da Filosofia Messiânica* (1950), Oswald de Andrade procurou abordar a história da civilização, apresentando a seguinte estrutura elaborada através de etapas: a primeira delas composta através da “Tese” em que estaria presente o homem natural, antropófago; a segunda etapa traria a “Antítese”, que em seu significado literal significa uma figura de linguagem que caracteriza palavras de sentidos opostos, assim, Oswald traz como oposição do homem primitivo, o homem civilizado. E por último a “Síntese”, como uma explicação resumida desse encontro em que nasceria o homem natural tecnizado. É o que nos esclarece Nunes (1979) sobre esse processo sobre a história da civilização.

A história, assim, divide-se no movimento em três tempos de uma dialética simplificada e simplista, em que a negação do Matriarcado pelo Patriarcado encontra sua síntese final no advento futuro e inevitável de uma nova

antropofagia. O primeiro momento corresponde à tese do homem natural, o segundo à antítese do homem civilizado, e a negação da negação ao novo tipo que se chama o homem natural tecnizado. Nesse aparente movimento dialético, cada corrente social e filosófica cumpre o papel que as circunstâncias objetivas históricas lhe destinaram (p.64).

Segundo Oswald de Andrade esse processo se daria através de uma evolução, já que vivemos duas dessas fases e a terceira seria uma ideia para o futuro, mas que não deixaria de representar uma verdadeira utopia.

Com o propósito de explicar melhor todo esse processo, Oswald apresenta dois tipos de relações sociais que marcaram profundamente toda a história da civilização. Primeiramente ele traz o Matriarcado, fase essa caracterizada pela presença de uma cultura antropofágica em que prevalece o primitivismo e a relevância na imagem da mulher, pois era predominante também o direito materno. Além disso, nessa fase não havia propriedade privada, ou seja, a terra era de todos, não havia uma classe dominante, o alimento era de todos, a crença religiosa voltada para vários deuses, não havia repressão, era permitido ser livre. Significava uma utopia, e era esse o objetivo de Oswald: trazer de volta essa imagem de sociedade mais liberta, livre das amarras sociais.

Já o Patriarcado, que representa uma cultura messiânica, também corresponde a tudo o que seria oposto ao Matriarcado: a presença do homem civilizado, uma sociedade dividida em classes, a presença de um Estado, a propriedade, que agora seria privada, ou seja, para Oswald de Andrade tudo aqui estaria relacionado a todas as formas de dominação, repressão e que essa seria a fase que prevalece até os dias atuais. Além da escravidão dos homens que gerava lucros, agora é o direito paterno que prevalece no sentido de garantir a herança paterna e a provável concentração de riquezas materiais nas mãos de um grupo social. O próprio Oswald de Andrade nos traz uma definição clara sobre Matriarcado e Patriarcado:

No Patriarcado, como esquema da civilização, reaparece o patriarcalismo da sociedade brasileira, com a sua índole repressiva que o governo colonial manifestou no plano sociopolítico e a Catequese no religioso; no Matriarcado, como esquema da vida primitiva, reflete-se o caráter maternalista da *visão poética* Pau Brasil, que servirá de núcleo à cristalização do barbarismo técnico

na forma de uma sociedade ideal. E porque a ruptura da primitiva sociedade matriarcal deu-se quando o homem deixou de comer o seu semelhante para escravizá-lo [...] (ANDRADE, 2011, p.44-45).

A cultura matriarcal foi esquecida para que a cultura patriarcal pudesse prevalecer, apresentando o seu modelo de civilização; e a antropofagia, de acordo com Oswald de Andrade seria uma provável solução para que uma nova fase repleta de valores que foram perdidos pudesse ser recriados e se fazerem atuante. Foi exatamente o matriarcado que apresentou uma cultura antropofágica, ainda livre de qualquer tipo de repressão, já o patriarcado, que representa o seu oposto, traz consigo uma cultura messiânica que servia como suporte para esse mundo que pertencia ao homem civilizado. Segundo Oswald, através do messianismo seria mais fácil aceitar a condição de escravo na qual vivia o homem, mantendo a obediência ao ser supremo na esperança pela redenção e por uma vida futura, mesmo depois de sua morte.

Dessa forma, é notória a importância dos indígenas para construção da história do Brasil, não só por toda a sua trajetória de resistência, mas por sua luta, que é constante e atual pela preservação da sua cultura que contribuiu significativamente para constituição da sociedade brasileira. Por isso, Oswald de Andrade traz como personagem protagonista esses povos que representa a imagem de uma sociedade liberta em que prevalece a coletividade. Era esse o objetivo de Oswald ao trazer à tona temas tão necessários para o seu manifesto, pois temas como a Antropofagia, a Revolução Caraíba e o Matriarcado de Pindorama significavam o inconformismo do escritor modernista diante desse Brasil em plena expansão capitalista, em que “dominar” seria a palavra de ordem e era contra isso que se deveria lutar, buscando a transformação permanente.

Vale ressaltar que essa “transformação” também está presente em algumas outras obras de Oswald de Andrade, pois apresentam uma nova forma de se fazer literatura que substituiu padrões estéticos de outras escolas literárias constituindo e enaltecendo uma autêntica cultura nacional. Através desse repúdio do escritor em relação à cópia, a ideia da antropofagia como uma nova proposta estética surge como a ideia de experimentação do novo por meio da deglutição e assimilação dos cânones para o nascimento da originalidade em relação à arte nacional. Sendo assim, Oswald de Andrade vai concedendo forma ao movimento modernista através de seu tom debochado, demonstrando um certo inconformismo com os padrões estéticos utilizados no passado.

E por isso, procurou romper com as escolas literárias para que pudesse, com a influência da vanguarda europeia, fundar uma literatura que originasse um tipo de arte que se desprendesse da cultura europeia para que uma nova forma pudesse nascer, essa seria então a cultura nacionalista.

Dentre as demais produções de Oswald de Andrade que trouxeram características evidenciando a presença da antropofagia cultural destaco *Serafim Ponte Grande*, romance publicado em 1933, que apresentou com afínco essa estrutura inovadora em relação à arte, refletindo exatamente o que o manifesto propõe ao destacar a estética da antropofagia cultural: “Em Serafim convergem a sátira, a necessidade de transformar valores e a busca de identidade, que eram preocupações principais em “Miramar” e do “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”, e o devoramento de todos os valores, princípio fundamental do Manifesto Antropofágico (JACKSON, 1978, p. 78). Os trechos presentes nessa obra, que foi considerada como um romance “invenção” revelam a riqueza da escrita oswaldiana por apresentar uma proposta artística. *Serafim Ponte Grande* demonstra a construção de um novo modelo de texto literário e o sentimento de repulsa de Oswald a qualquer tipo de opressão cultural relacionada aos padrões literários que deveriam ser copiados e que pertenciam a períodos anteriores ao modernismo.

Diante dessa forma híbrida que o romance moderno apresenta em sua constituição, se faz necessária uma leitura minuciosa para que o leitor possa compreender bem a narrativa: “Assim como as justaposições históricas de Pau-Brasil, as unidades satíricas de Serafim transformam-se em metáforas de um novo descobrimento do Brasil pelo ‘antropófago civilizado’ Serafim Ponte Grande” (JACKSON, 1978, p. 73).

Em *Os Antropófagos*, capítulo final do romance, a utopia antropofágica é demonstrada através da liberdade em relação aos desejos sexuais que são protagonizados agora com a volta à narrativa de Pinto Calçudo, personagem que havia sido expulso do romance por Serafim. A maneira cômica de ‘Calçudo’ esbanjar a sexualidade expressa uma verdadeira afronta à moral imposta pela sociedade burguesa da época. “Estavam em pleno oceano, mas tratava-se de uma revolução puramente moral” (ANDRADE, 2011, p. 204), a ‘revolução’ seria viver agora sem ter que se preocupar com regras sociais. “Seguiu-se um pega em que todos, mancebos e mulheres, coxudas, greludas, cheirosas, suadas, foram despojadas de qualquer calça, saia, tapacu ou fralda” (ANDRADE, 2011,

p. 205). Pinto Calçudo e todos que estavam com ele resolvem agora tirar a roupa e mostrar os seus corpos, desfrutando à vontade do sexo sem que fossem reprimidos.

Desse modo, o capítulo “Os Antropófagos”, de Serafim Ponte Grande, relata uma experiência anárquica em direção a uma terra sem mal sobre a fluidez do mar. Ali as noções de pecado, culpa, propriedade, domínio, administração, aparelhos do Estado etc. tendem a desaparecer. Sendo a pulsão sexual fortemente liberada no tombadalho, vê-se que o corpo ali encenado seria essencialmente anticristão. Com isso, percebe-se claramente o projeto político anticolonialista, fortemente contraocidental que vem do “Manifesto” e continua no *Serafim* (AMARAL, 2015, p. 8-9).

Serafim Ponte Grande revela a presença da sátira na obra com o objetivo de se fazer uma denúncia social através da revelação de conteúdos reprimidos que se identificam como falhas sociais e culturais, principalmente no que se refere a sexualidade que é recorrente na narrativa. Além disso, outro ponto a ser analisado na obra se refere a Antropofagia cultural de Oswald, tema presente em *Serafim Ponte Grande* que se refere ao novo fazer artístico proposto no *Manifesto Antropófago* de autoria do próprio Oswald de Andrade.

A antropofagia no romance sugere a deglutição e assimilação de produções literárias anteriores ao modernismo com o intuito de instituir uma cultura e arte nacional, apresentando uma nova proposta estética. E também para mostrar a sexualidade através do desrecalque de uma cultura na qual Serafim está inserido, incorporando um comportamento escancarado em relação ao sexo insaciável, comportamento este adotado também por Pinto Calçudo no capítulo “Os Antropófagos”: “Em *Serafim Ponte Grande*, esse estado de espírito é comunicado através da paródia constante de fórmulas sociais e literárias e do tema da viagem, que expressa imaginação, sonhos e liberdade de pensamento (JACKSON, 1978, p. 101). A narrativa apresenta uma pluralidade de gêneros e uma estética completamente distinta dos cânones, revelando assim a riqueza da escrita de Oswald de Andrade que através de Serafim rejeita a linguagem que era “forçada” pelo colonizador.

2. O MANIFESTO ANTROPÓFAGO: sementes de nacionalidade em alguns aforismos

Em seu *Manifesto Antropófago*, publicado em 1928 na *Revista de Antropofagia*, o poeta e escritor modernista Oswald de Andrade apresentou um texto que revolucionou a literatura brasileira do século XX. Nele, Oswald imprimiu, de forma crítica, todas as divergências ocorridas na época da colonização, além de expor a sua *Antropofagia*, que traz um ideal de devoração crítica para a formação de uma autenticidade cultural. O seu projeto antropofágico nasce não a partir da perspectiva do “bom selvagem”, ou seja, a imagem do indígena “civilizado” que pertenceu ao período romântico, mas a partir do indígena antropófago, aquele que se alimenta do inimigo para adquirir as suas qualidades.

O manifesto contém uma estrutura inovadora, assim como as outras obras de Oswald, promovendo um novo modo de lidar com a linguagem. Dessa forma, o texto possui um estilo fragmentário por apresentar 51 fragmentos frasais que também podem ser identificados como: aforismos, sentenças, máximas ou até mesmo chistes, já que, nos diz Freud em *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*, que o significado do chiste consiste em querer dizer muito em poucas palavras, isto é, que a brevidade é o corpo e a alma do chiste. Além disso, o texto do manifesto também apresenta frases que se repetem como se fossem refrãos de uma música, ou seja, a impressão que dá é como se Oswald tivesse a intenção de mostrar através da repetição a relevância do que é dito através desses trechos: “A alegria é a prova dos nove” e “Mas que temos nós com isso?”, são refrãos e bordões que se repetem estrategicamente, isto é, o escritor modernista parecia estar se pronunciando publicamente para atacar o inimigo, cutucá-lo e ao mesmo tempo propor a perspectiva indígena em contraposição a cultura repressora do colonizador. Outro detalhe relevante é a presença implícita da primeira pessoa do plural “nós” em alguns aforismos, uma tática usada por Oswald para invocar a coletividade como voz de seu discurso.

Através de um estudo sobre alguns aforismos contidos no *Manifesto Antropófago*, constatou-se que não há neles um significado pronto, acabado, mas uma pluralidade de sentidos e isso foi constatado a partir da leitura de cada ponto de vista de autores sobre a interpretação dos aforismos. A intenção de Oswald estaria em abrir esse leque de opções interpretativas, de múltiplos sentidos que seguem na mesma direção do seu ideal antropofágico, que é plurissignificativo em oposição a uma única voz que centraliza o

poder. Outro ponto é que por ser a colonização ocorrida no Brasil o acontecimento que impactou na elaboração do Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade, não é surpresa que ele traga como personagens protagonistas em seu projeto os povos indígenas e os colonizadores europeus.

Oswald de Andrade não economizou esforços para produzir um manifesto plurissignificativo, com enigmas a serem decifrados. Diante disso, apresentarei um estudo de 24 aforismos que conversam entre si, com o propósito de adentrar de maneira mais profunda no texto através de reflexões que serão relevantes para um possível entendimento de cada trecho apresentado. Nesses aforismos estão associados a história de luta e resistência dos povos indígenas, sendo por meio deles que Oswald traça todo o caminho percorrido pelos indígenas após a chegada dos colonizadores em terras brasileiras. Um caminho marcado pela luta em prol dos seus direitos, que foram negados, pois esses povos foram forçados a viver conforme padrões repressores estabelecidos ou fugir para regiões inabitadas.

Começamos a análise por um dos aforismos mais famosos do manifesto: “*Tupi, or not Tupi that is the question*”. Nele, podemos sintetizar toda a problemática existente na história do Brasil na época da colonização, e que nos desperta o seguinte questionamento: Deixar de ser Tupi, permitindo que se destrua essa identidade em prol da incorporação de um novo modo de vida forçado por uma colonização repressora? Ou decidir ser Tupi, aquele que pratica a sua antropofagia, devorando o inimigo sem culpa e lutando bravamente pela busca do direito de sua própria cultura? Diante desses quesitos desencadeados pela sentença, não há dúvidas de que esse aforismo significa claramente a relevância da herança indígena, pois ela pertence às nossas raízes culturais. Oswald mostra que aqui já existia uma cultura, uma religião e tudo isso foi “apagado” pelo colonizador a partir da implantação de um modelo repressivo.

Oswald faz uma analogia a Hamlet, obra shakespeariana, a partir da qual, contextualizadamente pergunta: Ser ou não ser indígena? Coloca aí sua visão sobre o que seria a “real”, “verdadeira” “cultura brasileira: deve-se dessa forma apenas sintetizar a questão da nacionalidade num contínuo “ou ser isso ou ser aquilo”? De uma forma, a poética de Andrade está no terreno das disputas dialéticas, do jogo entre as identidades, na busca pelo seu lugar (MARTINS e RESGALA JR., 2017, p. 29).

Oswald resolveu parodiar em seu manifesto a famosa frase de Hamlet “*to be or not to be, that is the question*”, dita durante o monólogo contido na primeira cena da peça de William Shakespeare. A peça conta a história do príncipe da Dinamarca Hamlet que vive um dilema em sua vida ao ser visitado pelo fantasma de seu pai, que revelou ter sido assassinado pelo seu irmão e pede ao filho que se vingue, a partir desse momento Hamlet passa a viver a angústia do “ser ou não ser”. É justamente a partir dessa angústia vivida por Hamlet que Oswald vai se referir a brasilidade, que também vive um dilema em relação à sua identidade, pois a batalha gerada nesse aforismo é o confronto entre povos originários e colonizadores: “A jocosa alternativa do dilema hamletiano parodiado – *Tupy or not tupi, that is the question* –, que parece ter sido a célula verbal originária do manifesto, resolve-se, pois, numa rebelião completa e permanente” (ANDRADE, 2011, p. 22). Outro fator que nos chama a atenção é que o aforismo está traduzido em língua inglesa, remetendo à ideia de que Oswald poderia ter tido a intenção de insultar os colonizadores que trouxeram para o Brasil a língua portuguesa, ou seja, a ideia foi demonstrada em outra língua que diverge da língua do colonizador. Nesse momento é notória a presença do seu projeto antropofágico, “devorar” outras culturas é o modo de ser tupi.

O escritor modernista joga com as palavras ao transformar em paródia a frase de Hamlet. A musicalidade entre os fonemas “To Be” e “Tupi” nos transfere ao caráter transformador da antropofagia. Além disso, o objetivo de Oswald era que praticássemos o modo de ser antropofágico dos indígenas, o “devorar” é diferente: “*O tupi or not tupi: that is the question* não é uma opção de raça, mas sim de ser” (PIRES, 2012, p.128).

Outro ponto relevante neste aforismo foi identificado por Ana Beatriz Azevedo (2012) na sua dissertação, em que ela discorre sobre ser uma ironia de Oswald trazer à tona a ideia de vingança através da dúvida vinda por meio da frase “ser ou não ser”:

Ora, Oswald substitui exatamente aquela angústia metafísica de Hamlet (advinda do mundo patriarcal) por uma formulação antropofágica (de viés matriarcal), encarnada no sentido não cristão de vingança entre os Tupi. A antropofagia é parte essencial deste complexo social da vingança, e portanto, na tradução filosófica de Oswald, a questão não é mais “ser ou não ser”, mas sim, “Tupi, or not Tupi” (AZEVEDO, 2012, p. 92-93).

De acordo com a pesquisadora, a vingança apontada em Hamlet estaria relacionada ao mundo patriarcal, associando à imagem de vingança na tribo Tupi, mas com a diferença de que para esses indígenas não haveria a dúvida em vingar ou não, até porque esses povos já nascem com espírito de vingança, que participa do viés antropofágico.

Alexandre Nodari e Maria Carolina de Almeida Amaral em seu artigo: *A questão (indígena) do Manifesto Antropófago* (2018) também argumentaram sobre a ideia de vingança, implícita através desse aforismo.

A co-incidência disjuntiva condensada pela questão oswaldiana entre Shakespeare e a Antropofagia tupi e suas respectivas ontologias deixa-se ver mais claramente no estatuto distinto que a vingança assume em cada um destes “hemisférios culturais”, o “clímax do Patriarcado”, “dado por Hamlet”, “em que estrondam alto a vindita e o ressentimento do Príncipe, contra a mãe adúltera” e o “Matriarcado de Pindorama” (NODARI & AMARAL, 2018, p. 2469).

Conforme explicaram os autores na citação acima, havia a presença da vingança em Hamlet fortemente marcada pelo sistema patriarcal em que a figura do pai é preponderante, por isso a ideia da dúvida em vingar ou não a morte do pai. Já em relação à vingança cometida pelos tupinambás era questão de se fazer justiça, essa justiça que Oswald também fez questão de apresentar no aforismo: “*tínhamos a justiça, codificação da vingança*” (ANDRADE, 1928). As duas sentenças afirmam que a prática da antropofagia tupinambá, que ingere a carne do inimigo, não significaria cometer um pecado e muito menos caberia a dúvida. Nesse caso da antropofagia praticada entre os povos Tupi, o devorador assume o lugar do devorado, em uma perspectiva do “eu” em relação com o “outro” através de absorver o outro por meio da devoração, sendo esse o ponto que diverge da ideia central contida nas palavras de Hamlet.

A presença do “Tupi” no manifesto representa não só uma das tribos, mas a união de todos os povos originários, sendo essa união destacada através da utilização do pronome “nós”, que mesmo de forma implícita nos diz muito a respeito dessa união. Oswald se pronuncia com afinco a favor da liberdade desses povos, procurando expor de

forma crítica a luta não só por seus direitos, mas por tudo o que acreditava prejudicá-los, por isso a presença dos vocábulos “nunca” e “contra”. É justamente em relação a catequese que Oswald se vale dessas negativas com a intenção de explicar o quanto ela foi “danosa” para a vida dos povos nativos.

O primeiro aforismo relacionado à catequese inicia com a palavra “contra”, já demonstrando o repúdio do escritor modernista à imposição do catolicismo: “*contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracchos*”. A catequese foi um dos caminhos para se chegar com êxito ao processo de colonização no Brasil, isto é, a religião católica foi imposta aos índios através dos jesuítas, que se apropriaram da linguagem indígena com o objetivo de forçar uma religião e com isso eliminar de vez a cultura desses povos, que mesmo resistindo à expansão da fé, tiveram que esquecer a sua crença e a sua liberdade de expressão: “Tratava-se, desse modo, de catequizar os índios, o que não necessariamente era sinônimo de conversão religiosa, mas sim de assimilação, conversão à “civilização” (NODARI e AMARAL, 2018, p.2476). A implantação da catequese significaria transformar o índio selvagem, antropófago em um modelo de índio civilizado, análogo a imagem do índio como o “bom selvagem” que pertence ao período romântico.

Em relação à catequese trago aforismos que se referem à rejeição que Oswald fazia questão de repetir em ato de protesto: “*Nunca fomos catequisados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará*”; e “*Nunca fomos catequisados. Fizemos foi carnaval. O índio vestido de senador do império. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas óperas de Alencar cheio de bons sentimentos portugueses*”. Através da expressão “contra”, Oswald deixa muito bem marcada a ideia de oposição à cultura messiânica à qual os índios resistiam, até mesmo por sua crença em deuses que os protegiam muito antes dos colonizadores chegarem no Brasil: “Esse movimento de negatividade absoluta apresentado pelo Manifesto Antropófago, no que toca à herança católica, ataca frontalmente a oposição cultura letrada X cultura ágrafa, em especial tendo em vista a dominação cultural e espiritual dramatizada pelo processo de catequização” (SILVEIRA, 2007, p. 203). A intenção seria se aproximar através de propostas que os atraísse, aprender a sua língua e conhecer de perto a sua cultura, ensinar o catolicismo para que logo depois escravizassem e tornassem o indígena um ser civilizado, que vivesse de acordo com as normas colonizadoras.

Além da repetição de que “*nunca fomos catequizados*” utilizada nos dois aforismos, outros fatores como “*fizemos Cristo nascer na Bahia ou em Belém do Pará*” e “*fizemos foi carnaval*” pontuam talvez a ideia de que os povos indígenas não queriam aceitar e preferiam “escapar” da catequização. Nessas sentenças, Oswald procurou também exaltar o Brasil ao destacar a Bahia e o carnaval, que até por coincidência se complementam, pois é na cidade da Bahia onde ocorre uma das maiores festas carnavalescas do Brasil. Aqui, o poeta modernista demonstrou um certo patriotismo, que procura até mesmo destacar em uma passagem de seu romance *Serafim Ponte Grande*, publicado em 1933: “Havia sombra de guardas ao lado dos degraus de um portão. Serafim aproximou-se. Eram dois soldados curdos. Perguntou-lhes pelo Santo Sepulcro. Não há nenhum Santo Sepulcro. Como? Nunca houve. E Cristo? O outro esclareceu: Cristo nasceu na Bahia” (ANDRADE, 2011, p. 141). Nessa passagem do romance, o protagonista Serafim Ponte Grande durante uma de suas viagens conhece Jerusalém e ao procurar o Santo Sepulcro acaba descobrindo que Cristo nasceu na Bahia. Diante dessa brincadeira cultural em relação ao local do nascimento de Cristo, Oswald demonstra a referência ao Brasil e ao mesmo tempo destaca a aversão ao catolicismo por meio de dois aspectos que se opõe profundamente: a catequese e o carnaval.

O escritor também destaca nesse mesmo aforismo: “*O índio vestido de senador do império... cheio de bons sentimentos*”, sendo esses “sentimentos” portugueses o significado da imposição, pois o índio vestido significava aquela imagem do índio civilizado, domesticado, pertencente ao período romântico. No entanto, poderíamos também sugerir que ao trazer à tona em seu manifesto essa imagem do índio vestido em um mesmo aforismo em que se refere ao carnaval, Oswald insinua que essas roupas poderiam ser meras fantasias, pois por trás das vestimentas ainda há o espírito selvagem de ser, que não se perderia por causa da roupa. É o caso de Peri, por exemplo, personagem do romance “*O Guarani*”, de José de Alencar, publicado em 1857, retratado como um selvagem fantasiado de português, completamente entregue ao modo colonizador, ou seja, a imagem do índio vestido significou o apagamento de sua antropofagia: “o fato de vestir o índio, uma imposição dos colonizadores e seus colonizados, demonstra uma das tentativas de homogeneizar os costumes que transitavam pelo Brasil” (PIRES, 2012, p. 99). Outro aforismo representa bem essa crítica ao índio vestido: “*Contra o índio de tocheiro. O índio filho de Maria, afilhado de Catarina de Medicis e genro de D. Antônio*

de Mariz” em que Oswald traz a representação do poder patriarcal através da figura de D. Antônio de Mariz, também personagem de “O Guarani”.

O manifesto também afirma no seguinte aforismo que: *“O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeável entre o mundo interior e o mundo exterior. A reação contra o homem vestido. O cinema americano informará”*. É evidente a preocupação de Oswald em defender a identidade do ameríndio e essa “roupa” à qual ele se refere seria a imposição de um outro modo de vida que promoveria o isolamento, a não interferência entre o mundo interior e exterior. De acordo com Beatriz Azevedo (2012)

Oswald também aborda o tema do “mundo interior” e do “mundo exterior”, colocando exatamente a roupa como o elemento impermeável, ou seja, a barreira que atua para separar e dividir estas duas instâncias. Parece que ele advoga em nome de uma maior interpenetração entre esses dois mundos, reavivando um diálogo natural que foi corrompido pela “roupa” que (re)veste a civilização (AZEVEDO, 2012, p. 100).

Conforme Beatriz Azevedo argumenta, “a roupa impermeável” impede o modo de vida indígena, liberto e feliz. E ainda afirma que através de sua crítica, Oswald de Andrade procura defender o ideal da antropofagia que reage contra o homem vestido e repressor.

Por isso que Oswald de Andrade afirmou em seu manifesto que *“Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade”*. Nesse aforismo que conversa com os demais, permanece o objetivo de Oswald em afirmar que antes de se viver entre as “amarras coloniais”, o ameríndio vivia feliz por não possuir a ideia do pecado, ou por ter que se submeter a um outro modo de vida que fugia de tudo o que ele conhecia e apreciava, que pode ser lido “na trilha de compreender o lugar que o ideal deste homem selvagem ocupa” (LIMA, 2012, p. 90). Por isso esse é o aforismo que representa a união dos demais que abordaram o tema da liberdade indígena e que levanta relevantes reflexões sobre o impacto da colonização para todos os povos indígenas que sofreram e sofrem até os dias atuais.

Se referindo agora ao aforismo *“No Matriarcado de Pindorama”* Oswald nos leva a uma visão mais concreta sobre a época em que os povos indígenas eram os verdadeiros

habitantes dessa terra nomeada por eles como “Pindorama”. Nessa época, o Brasil era a “terra das palmeiras”, uma terra ainda livre dos olhos europeus, em que os seus povos nativos ainda viviam de acordo com a sua própria cultura, libertos de qualquer tipo de repressão: “O Brasil é marcado pela chegada dos europeus estuprando as índias e que chegam explorando e sugando tudo. Então, Oswald, ao chamar o “Matriarcado de Pindorama”, está falando dessa pátria mítica que temos antes do Brasil e que deveríamos valorizar” (AZEVEDO, 2016, p.2).

É interessante ressaltar que o mesmo patriarcado que torna o trabalho essencial na vida do homem também traz consigo a modernidade com suas máquinas que substituem a força humana, proporcionando uma vida mais liberta para esse homem para que possa se dedicar a outras áreas que desponte a sua criatividade. Todas as técnicas e ações que agora são realizadas pela máquina transformam o ‘negócio’, palavra que através de sua origem latina significa ‘ausência de folga’, da combinação entre ‘NEC’, advérbio de negação, mais ‘OTIUM’, em um ócio. De acordo com Oswald de Andrade esse tipo de ócio não estaria relacionado a se tornar um ser humano inativo, mas alguém que agora poderia crescer através do seu potencial artístico, se dedicando profundamente aos seus determinados dons. Seria essa a utopia realizada através da vinda de um novo matriarcado que aliado a antropofagia possibilita o homem a viver em ócio absoluto.

Na interpretação oswaldiana, a cultura matriarcal significava a forma maior de revolução, a revolução caraíba, que deveria inverter os valores centrais da cultura ocidental. Essas inversões são apresentadas por Oswald de forma sintética, mediante a aproximação e o contraste de conceitos, como ao propor a substituição do negócio pelo ócio e da propriedade pela posse (SILVEIRA, 2007, p.200).

Assim, os aforismos: “*O pater famílias e a criação da Moral da Cegonha: Ignorância real das coisas + falta de imaginação + sentimento de autoridade ante a prole curiosa*” e “*Contra Goethe, a mãe dos Gracos, e a Corte de D. João VI*” se referem justamente ao sistema patriarcal, o qual Oswald faz questão de atacar e ao mesmo tempo enaltecer o matriarcado. No primeiro, o escritor modernista formula uma espécie de equação matemática ao inserir o sinal da soma entre as frases, ou seja, ele afirma ser o patriarcado uma “soma” entre a ignorância real das coisas, a falta de imaginação e o

sentimento de autoridade. No segundo aforismo Oswald cita Goethe, a mãe dos Gracos como um modelo de mãe adepta ao modelo patriarcal.

É possível sugerir ser o Matriarcado uma espécie de “revolução”, à qual podemos associar à chamada *Revolução Caraíba* em que os valores implantados pela cultura patriarcal seriam utopicamente invertidos, ou seja, todos os poderes centralizadores de uma civilização europeia agora seriam substituídos pela instituição de uma vida coletiva, liberta, onde não haveria nenhum tipo de proibição. Assim, a originalidade primitiva seria retomada, como toda a sua cultura antropofágica, o que para o escritor modernista significaria a possibilidade de formação de uma nova “*idade de ouro anunciada pela América. A idade de ouro. E todas as girls*”, isto é, uma conquista que ultrapassa a moral conservadora da civilização, pois revela valores que foram apagados após a chegada dos portugueses em terras brasileiras.

No manifesto são apresentados quatro aforismos que se referem aos caraíbas, são eles: “*Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem. A idade de ouro anunciada pela América. A idade de ouro. E todas as girls*”; “*Filiação. O contato com o Brasil Caraíba. O Villégaignon print terre. Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução Surrealista e ao bárbaro tecnizado de Keyserling. Caminhamos*”; “*O instinto Caraíba*”; e “*É preciso partir de um profundo ateísmo para se chegar à ideia de Deus. Mas o caraíba não precisava. Porque tinha Guaraci*”.

No primeiro aforismo citado, Oswald faz questão de afrontar o estrangeiro ao citar que “*sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem*”. No entanto, não era um deboche de Oswald e sim uma verdade oculta, pois, a declaração dos direitos do homem realmente foi elaborada somente quando os europeus tiveram contato com os primeiros habitantes indígenas na América. Então o que Oswald pretendia era estampar a verdade para os Europeus de que foram os ameríndios a inspiração de todas as culturas e que na verdade nós estaríamos imitando algo que nós mesmos fundamentamos. Nas palavras de Beatriz Azevedo (2012)

Em uma cambalhota histórica, Oswald reivindica o foco principal para os ameríndios, inspiradores da Declaração dos Direitos do Homem. A utopia oswaldiana é sintetizada no desejo da “revolução caraíba”, unificação de revoltas que dá ao Brasil o protagonismo cultural em face da “civilização”. Não somos nós que teríamos importado a Declaração dos Direitos do Homem, ao contrário, foi a humanidade nua da América que nutriu a fundamentação mesma da civilização europeia. (AZEVEDO, 2012, p. 111)

A revolução caraíba significou a luta contra a instauração de um “Estado de Classes” e a propriedade privada para que assim pudesse consolidar uma cultura nacional baseada em relações sociais que desconheciam qualquer tipo de censura ou pecado: “A revolução caraíba, protótipo das revoluções, as transformações sociais, superaria as anteriores – a Francesa, a Romântica, a Bolchevista e a Surrealista – e assumiria, num surpreendente efeito de humor oswaldiano, a paternidade de todas” (ANDRADE, 2011, p.26-27). Logo, é notório que por trás dessa utopia realizada existe uma crítica apurada contra o modo patriarcal e foi contra ele que Oswald lutou ao reinterpretar a história do Brasil, colocando o matriarcado à frente dessa civilização europeia, ou seja, seria a ideia de se colocar o passado à frente. A ideia não é voltar à época da colonização para se viver como os índios viviam naquele momento, mas restituir valores e uma cultura que foi apagada, além de dar a oportunidade de se viver um ócio que propicia a dedicação a determinados talentos que somente o matriarcado concedeu para todos, ao contrário do patriarcado que restringiu o ócio somente para a elite.

De acordo com Sérgio da Fonseca Amaral (2015), o termo “caraíba”, segundo pesquisa realizada por antropólogos em relação aos povos indígenas, citada algumas vezes nos aforismos que compõe o *Manifesto Antropófago*, significa:

Segundo os antropólogos que pesquisaram o universo sagrado indígena, os caraíbas, ou *carais*, seriam os xamãs entre os tupis-guaranis, denominados pelos primeiros cronistas europeus da conquista de “profetas”, estando acima do xamã propriamente dito, que tinha a função de curar, assim como a de inflingir males, ou seja, um médico (AMARAL, 2015, p. 2).

Mais especificamente, os caraíbas eram tribos indígenas que moravam em aldeias mais ao norte da América do Sul, sendo os primeiros povos a serem vistos pelos primeiros portugueses que chegaram em terras brasileiras na época da colonização. De acordo com relatos das cartas da Companhia de Jesus esses povos se destacavam em relação a religiosidade e isso é demonstrado através do fragmento no aforismo: *“É preciso partir de um profundo ateísmo para se chegar à ideia de Deus. Mas o caraíba não precisava. Porque tinha Guaraci”*, esse “poder” religioso confrontava diretamente com os jesuítas, no caso da implantação da catequese. Os caraíbas possuíam poder de influência nas demais tribos por onde transitavam, eram respeitados e admirados por serem denominados como verdadeiros “profetas” que fomentavam algo fundamental para os povos primitivos: “Os caraíbas (karaíba), ou caraís, praticavam algo vital para a sua comunidade: a promessa de que num lugar, ou em algum lugar, haveria a possibilidade da vida sem males, ociosa, abundante, perfeita e livre: a “Terra sem mal” (AMARAL, 2015, p. 3).

Dessa forma, os caraíbas se tornaram uma verdadeira ameaça aos jesuítas, pois eram esses povos que por onde passavam, levariam a coragem para que as outras tribos pudessem reagir contra o poder do Estado e a uma colonização que estaria por vir. Para os missionários, os caraíbas eram tidos como “falsos profetas” e esse argumento foi utilizado como uma maneira de diminuir a imagem desses povos por se denominarem como os únicos que tinham o poder de “desarmar” os europeus. Mas com o fortalecimento da colonização, ao passar dos anos, todas as promessas caraíbas foram por água abaixo através da implantação de uma vida que a partir daquele momento seria oprimida através do trabalho escravo, da propriedade privada e de uma religião que impedia os povos de possuírem a sua própria crença.

Em virtude de ser os Caraíbas essa referência para a nação indígena, supõe-se que Oswald de Andrade ao tomar conhecimento a respeito desses povos resolve mencioná-los em seu manifesto. A palavra “caraíba” representa uma história de resistência contra os missionários, contra a catequese e o poder estatal europeu, não se tratando somente de uma determinada tribo, mas da reunião de todas as tribos indígenas que deveriam lutar em prol de sua liberdade. Ao se referir ao caraíba como uma revolução, Oswald pretendia ir mais além ao demonstrar uma força que somente esses povos possuíam para desmoronar o poder estatal e se livrar da colonização, para que pudessem ser livres e assim se cumprir a profecia caraíba sobre a *“Terra sem Mal”*.

Mais uma vez Oswald traz à tona um aforismo que se apropria de uma equação matemática e que tem um amplo significado ao ser interpretado: “*a alegria é a prova dos nove*”. De acordo com Oswald de Andrade, se a felicidade indígena era de fato a prova dos nove, isso só nos comprova de que o estilo de vida dos índios era o correto e por isso eles eram felizes.

Primeiramente formula-se uma equação matemática para que se chegue à prova dos nove. A partir desse raciocínio, Oswald se utiliza dessa equação matemática para se chegar à conclusão de que a alegria indígena é a prova dos nove. Então, se a felicidade era o resultado da prova dos nove, para se chegar a esse resultado era preciso montar essa equação através da luta por seu modo de viver, por sua identidade e sua cultura. A interferência da colonização e a consequente eliminação da cultura indígena resultaria em um “cálculo matemático” negativo, por isso a antropofagia surge com o objetivo de causar uma inversão que revoluciona ao propor uma devoração crítica, ou seja, era preciso “devorar” o europeu, denominado por Oswald como o verdadeiro selvagem.

O colonizador nomeou o índio como bárbaro, mas foram eles que chegaram matando, estuprando e escravizando, ao passo em que os povos indígenas eram felizes porque andavam nus, tinham sua própria crença, pescavam e viviam de forma coletiva, era a favor dessa felicidade de viver do índio que Oswald fazia questão de lutar bravamente através do seu manifesto.

Foi a partir desse pensamento de transformação e devoração crítica que Oswald introduz o manifesto com o seguinte aforismo: “*Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente*”. Aqui Oswald faz uma analogia entre o seu *Manifesto Antropófago* e o *Manifesto Comunista* de Marx e Engels, isto é, ele mostra que assim como o manifesto de Marx e Engels se posicionava contra o poder capitalista que reprime o proletariado, em seu manifesto antropófago a repressão vinha da opressão pela influência da cultura europeia e do patriarcado: “Se Marx, tematizando a luta de classes, opõe Burguesia e Proletariado, Oswald vai opor o Patriarcado ao Matriarcado, na mesma simetria de polarizações” (AZEVEDO, 2012, p. 87-88). Oswald parece querer mostrar que muito antes do comunismo, tínhamos o índio e o seu matriarcado de pindorama e aqui no Brasil só a antropofagia mesmo que vai nos unir em todos os sentidos.

Também se referindo à antropofagia oswaldiana, o aforismo: “*Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do Antropófago*” traz à tona a concepção da alteridade,

que de acordo com o dicionário Michellis significa: *Filos.* Característica, estado ou qualidade de ser distinto e diferente, de ser outro. Diante disso, podemos dizer que Oswald de Andrade discorre sobre o verdadeiro significado da antropofagia a partir da relação com o outro.

Pensemos neste aforismo a partir da ideia de que “o que não é meu” pode ser tomado em relação a pessoa de Oswald de Andrade, então, o que não é meu é o baiano, posto que ele é paulista; o feminino, posto que ele é homem; o proletário, posto que ele é burguês; o burocrata, posto que ele é artista; por aí poderíamos seguir numa multiplicidade que, direcionada para dentro do território brasileiro, seria imensa e, em uma tão grande proporção quanto, se a seta indicar para fora dessa geografia (ALMEIDA, p.10).

De acordo com a citação, Oswald de Andrade parece querer afirmar através do aforismo que ao se relacionar com o outro, a própria identidade é transformada, ou seja, o “Eu” será sempre o “Outro” que também nos direcionará à tese do matriarcado.

Partimos agora para: “*De William James a Voronoff. A transfiguração do Tabu em totem. Antropofagia*”. Nesse aforismo, Sigmund Freud em seu livro Totem e Tabu, publicado em 1913, fornece uma contribuição fabulosa para o manifesto de Oswald de Andrade. De acordo com Freud, “Totem” significa um animal que pode ser comestível, inofensivo ou perigoso e que possui uma relação excepcional com a tribo à qual pertence. É uma espécie de espírito que protege e auxilia, ou seja, cada tribo possui o seu totem e deve respeitá-lo, aliás todos que descendem do mesmo totem são determinados como parentes sanguíneos e por isso não podem se relacionar sexualmente: “o sistema do totem, como sabemos, é a base de todas as demais obrigações sociais e restrições morais da tribo” (FREUD, 1913, p.18). Já o Tabu se divide em dois hemisférios distintos que podem ser, por um lado “santo, consagrado” e por outro “proibido, perigoso ou impuro”, ele serve para reprimir o instinto: “Também se chama tabu a proibição que deriva dessa característica; é denominado tabu, enfim, conforme seu sentido literal, algo simultaneamente sagrado, acima do habitual, e perigoso, impuro, inquietante” (FREUD, 1913, p. 30). A partir da definição de cada um, podemos notar claramente a relação dos dois com a antropofagia.

É a transformação do tabu em totem, que desafoga os recalques históricos e libera a consciência coletiva, novamente disponível, depois disso, para seguir os roteiros do instinto caraíba gravados nesses arquétipos do pensamento selvagem – o pleno ócio, a festa, a livre comunhão amorosa, incorporados *à visão* Pau Brasil e às sugestões da vida paradisíaca, “sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama” (ANDRADE, 2011, p.25).

Para explicar esse processo da transformação do tabu em totem, Freud menciona a comunhão cristã em relação ao ritual de beber o sangue e comer o corpo de Cristo como algo simbólico, ao contrário da figura do canibal que é reprimido. Diante disso, o pensamento de Freud está diretamente ligado à antropofagia de Oswald, pois é através dessa transformação do tabu em totem que todos os recalques da história indígena seriam libertados para que um possível retorno ao “instinto caraíba” pudesse vigorar. A respeito dessa comparação, Benedito Nunes (1979) ressalta que:

É muito significativo que então a vanguarda literária, em boa parte sob a influência de Nietzsche, pensador que marcou a formação intelectual de Oswald de Andrade, e para quem a consciência do homem sem ressentimento equivalia à *capacidade fisiológica de bem digerir* – se tivesse apossado do canibal, dele fazendo um símbolo, no mesmo momento em que a Psicanálise começaria a desnudar, no homem normal, civilizado, comportamentos neuróticos, que podem gravitar em torno da mesma simbologia da interdição, presente nos atos de antropofagia ritual (NUNES, 1979, p.18).

Nesse sentido, Oswald menciona Freud novamente em um outro aforismo: “*Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud - a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama*”. Essa “*realidade vestida e opressora*” nada mais é do que o próprio colonizador que trouxe para o Brasil uma realidade opressora, de visão patriarcal sendo a antropofagia o caminho para a transformação, nos transferindo à concepção do “*Matriarcado de Pindorama*”, que enaltece o primitivo e a relação com o outro. Conforme afirma SILVEIRA (2007, p. 201): “Para Oswald, recolocar o Totem ou a criação de uma sociedade totêmica significava a criação de uma nova Idade do Ouro,

tema que ele irá insinuar em diversos de seus escritos, nos quais propõe o Matriarcado de Pindorama”.

A presença da teoria de Freud no manifesto não só demonstra a relação da liberdade indígena com o “Totem e Tabu” como também serve para sustentar a crítica apurada que Oswald faz ao trazer à tona a antropofagia como solução para todos os males identificados pelo psicanalista.

Seguimos agora para um dos aforismos mais enigmáticos do manifesto: “*Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros*”. Repetida sete vezes no *Manifesto Antropófago*, a palavra “roteiro” nos remete à ideia de seguir um modelo pronto, isto é, um modelo que deve ser seguido, já que em seu significado usual o vocábulo significa: “regra de conduta ou ação” ou até mesmo “regulamento”, dentre outras definições. De acordo com Beatriz Azevedo a palavra “roteiro” também pode nos levar a ideia de movimento: “o vocábulo roteiro invoca a ideia de movimento, de “rota”, mapa de viagem, roteiros históricos ou turísticos” [...] (AZEVEDO, 2012, p. 123). Oswald de Andrade produziu com maestria um aforismo que nos leva a muitas interpretações, e o que nos chama a atenção é a maneira como foi construído, pois não estamos nos referindo a uma frase propriamente dita, aqui Oswald utilizou apenas um substantivo, repetido por sete vezes e intercalados com um ponto final, ou seja, Oswald trocou a vírgula pelo ponto de forma estratégica buscando extrair o ritmo, o movimento da sentença.

No entanto, se tomarmos ser o roteiro um “regulamento” que deve ser seguido, porque não pensar que ao criar esse aforismo Oswald poderia estar se referindo ao problema da cópia de modelos estrangeiros? Ou até mesmo da imposição dos colonizadores em relação aos povos indígenas de seguir um roteiro de leis que como consequência destruiu a sua cultura? São questionamentos como esses que explicam muito sobre a história do Brasil colonial e era esse o objetivo de Oswald, sempre levantar a crítica, mesmo que de forma implícita ao modo de vida copiado que ocasionava uma “mentalidade colonizada”.

Seguindo esse mesmo raciocínio, outros aforismos também se referem a essa imposição cultural à qual viveram os povos indígenas e que podemos relacioná-los, pois ao mencionar no manifesto: “*contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida. E a mentalidade pré-lógica para o Sr. Lévy-Bruhl estudar*”,

sem sombra de dúvidas Oswald estaria se referindo à cópia de modelos estrangeiros que nos levaria a ter uma “*consciência enlatada*” que viesse já pronta para o uso. Lembrando que a presença de Lévy-Bruhl no aforismo ocorreu por ser ele um antropólogo francês que exerceu influência significativa na época modernista.

O pecado original, causa da desconexão, foi a cópia. Os efeitos negativos dela, entretanto estão no plano da cisão social: cultura *sem relações com o ambiente*, produção que não sai *do fundo de nossa vida*. Ora, a desproporção entre efeitos e causa é tamanha que leva a duvidar desta última e a desconsiderá-la (SCHWARTZ, 2001, p.10).

Outro aforismo que nos remete também a ideia da cópia é quando Oswald se refere à gramática, à qual também podemos relacionar a um modelo a ser seguido, mas que foi elaborada com o propósito de converter os índios e mantê-los sob o domínio da catequese: “*Foi porque nunca tivemos gramáticas, nem coleções de velhos vegetais. E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiriço e continental. Preguiçosos no mapa-múndi do Brasil. Uma consciência participante, uma rítmica religiosa*”. Ao iniciar a leitura do aforismo nos dá a impressão de um corte frasal, é como se Oswald deixasse no ar o que ele menciona anteriormente, pois, ao iniciar o aforismo com a expressão: “foi porque” é como se o escritor modernista estivesse explicando que os ameríndios possuem a sua língua, o seu modo de vida e a sua liberdade porque “nunca tiveram gramática”. A gramática, nesse caso significaria uma espécie de lei que deveria ser seguida pois, esses missionários jesuítas pregavam porque na verdade eles pretendiam com isso civilizar os índios para domesticá-los: “*contra a verdade dos povos missionários, definida pela sagacidade de um antropófago, o Visconde de Cayrú: - É a mentira muitas vezes repetida*” e era contra isso que o aborígene deveria ter lutado bravamente, talvez até utilizando a sua antropofagia, devorando-os, mas não para adquirir o que eles desejavam nos tornar, mas comer para reaver a sua felicidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de um estudo realizado sobre o *Manifesto Antropófago* de Oswald de Andrade acredita-se que foi possível atingir alguns objetivos apontados neste Trabalho de Conclusão de Curso. Primeiramente, o estudo abordou a relevância do movimento modernista brasileiro, sendo Oswald um dos seus precursores, essa escola tinha como objetivo o rompimento com o tradicionalismo europeu e a valorização e independência da cultura brasileira. E foi exatamente esse rompimento com toda essa estética considerada arcaica o que possibilitou que Oswald pudesse inaugurar a sua antropofagia no manifesto, considerada uma das mais relevantes produções do escritor pertencente à primeira fase modernista.

Desse modo, vimos que no *Manifesto Antropófago*, publicado em 1928, Oswald destacou a relevância do primitivismo, presente também no *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, 1924. Por meio dessa tendência difundida pelos modernistas de 22, foram destacadas as raízes mais autênticas que simbolizam e exaltam o nacionalismo. Dessa forma, Oswald de Andrade fundou, através da influência da vanguarda europeia, um tipo de literatura liberta em seu modo de fazer arte, isto é, que se desprende dos padrões estéticos europeus para que assim pudesse experimentar uma perspectiva nacional.

Em seu manifesto, Oswald apresentou uma proposta baseada no desenvolvimento de uma estética brasileira renovada a partir da ideia de sua antropofagia cultural. Assim, por meio do estudo de 24 aforismos que compõem o *Manifesto Antropófago* foi possível perceber que a antropofagia se denominou como um projeto cultural que procurou resgatar valores da cultura primitiva e sobretudo ressignificá-las. A partir da valorização do indígena antropófago, aquele que se alimenta do inimigo para obter as suas qualidades, Oswald relaciona à sua antropofagia essa devoração que resultaria em uma assimilação cultural com o intuito de fortalecer toda a produção artística brasileira. Através do manifesto, Oswald apresenta não só a história de resistência do ameríndio, mas também a sua antropofagia como uma proposta estética e literária que, devido à sua importância, alcançou também os campos político, antropológico, cultural, sociológico e filosófico.

Oswald resgatou em seu manifesto a imagem do aborígene antropófago, aquele que seria fundamental para o desenvolvimento de sua manifestação política e literária. Assim, o escritor modernista sintetizou no *Manifesto Antropófago* concepções que

reproduziram metaforicamente a antropofagia indígena e a partir dessa visão é possível resgatar o seguinte questionamento norteador: Se o índio antropófago se alimentava da carne do seu inimigo para adquirir as suas qualidades, porque não “devorar” a cultura e arte estrangeira com o objetivo de assimilar somente o que for “nutritivo” para o organismo nacional? Provavelmente esse foi um dos questionamentos de Oswald para se chegar a implantação da sua antropofagia, sendo que não há dúvidas de que ele ressaltou, a todo momento, a relevância do processo de assimilação.

Outro fator desenvolvido durante o estudo está relacionado à cópia de modelos tradicionais estrangeiros, à qual Oswald de Andrade rejeitava por se tratar de algo que eliminaria a originalidade. No manifesto, Oswald apontou a luta contra essa cultura adestrada pois, a antropofagia significava a transformação, ou seja, ‘devorar’ para transformar e não para copiar, sendo essa a ideia central do manifesto: ‘devorar’ a cultura do outro a fim de deglutir o que for necessário para a construção da sua própria cultura.

Vimos também que para explicar a história da civilização, Oswald de Andrade apresentou em sua Tese “*A Crise da Filosofia Messiânica*” (1950) o homem natural tecnizado através do encontro entre o homem primitivo, antropófago e o homem civilizado. Nesse sentido, o nascimento de dois tipos de relações sociais marcou profundamente esse momento de transformação: O Matriarcado, caracterizado por uma cultura antropofágica, primitiva. Através do matriarcado, Oswald idealizava uma utopia trazendo de volta a imagem do homem livre da opressão europeia. Em oposição ao Matriarcado, Oswald apresentou o Patriarcado como a representação de uma cultura messiânica, marcado por uma sociedade dividida em classes, a propriedade privada e o homem civilizado. Assim, nasceu a utopia antropofágica de Oswald centrada na ideia da substituição do Patriarcado em um novo Matriarcado, ou seja, no nascimento de uma verdadeira “idade de ouro” em que prevaleciam fatores como: o poder centralizado que seria substituído pelo direito da propriedade coletiva, a substituição do negócio pelo ócio e a possibilidade de uma vida sem repressões liberta aos prazeres vitais.

Identificamos também que *Serafim Ponte Grande* (1933), uma das obras mais polêmicas de Oswald de Andrade, apresentou a proposta da antropofagia cultural justamente por apresentar uma inovação em sua estrutura. Através dele, Oswald contribuiu de forma satisfatória para a formação do pensamento político nacional por apresentar um estilo inovador que foge dos padrões estéticos europeus. Para Oswald,

Serafim significou a experimentação de uma identidade nacional e foi nele que a sua antropofagia também se fez presente de forma marcante, justamente pela presença desse novo fazer artístico que ele instituiu junto à escola modernista.

Ao redigir o manifesto, Oswald pretendia retomar metaforicamente a história do Brasil na época da colonização e ao mesmo tempo apresentar a sua antropofagia cultural através da assimilação artística que resultaria no desenvolvimento da produção artística nacional. A antropofagia oswaldiana nasceu a partir da analogia com a imagem do indígena antropófago, aquele que devora o seu inimigo para adquirir as suas qualidades. O texto do manifesto apresenta uma estrutura distinta apoiada nas inovações trazidas da vanguarda europeia, por isso a utilização de tópicos frasais que aqui identifiquei como aforismos, mas que também poderiam ser nomeados como sentenças, máximas ou até mesmo chistes, que de acordo com Freud consiste em frases curtas que nos dizem muito.

Ao longo do estudo, uma série de dissertações e teses que tiveram como tema o manifesto antropófago, foram analisadas, sendo constatado que em cada uma delas havia um ponto de vista próprio do autor sobre cada aforismo pesquisado. Diante disso, observou-se que o objetivo de Oswald de Andrade estaria em mostrar a amplitude que o texto do manifesto proporciona. Os 24 aforismos escolhidos como corpus desta pesquisa conversam entre si no que diz respeito a história de resistência dos povos indígenas, demonstrando toda a sua originalidade que precisou ser negada para que um modo de vida ‘domesticado’ pudesse prevalecer. A intenção de Oswald estaria em resgatar esses valores que pertencem às nossas raízes culturais e que deveríamos valorizar.

Dado o exposto, acreditamos que este trabalho de conclusão de curso evidencie a atualidade e importância do *Manifesto Antropófago*, uma das mais valiosas produções de Oswald de Andrade. Foi nele que o escritor e poeta modernista apresentou o seu olhar antropofágico que sugere uma ressignificação de nossa história, que nos relaciona com o passado colonial. Através de sua imagem polêmica e combatente, Oswald de Andrade demonstrou através de sua antropofagia a luta em favor da identidade indígena que faz parte de nossas raízes, isto é, que sempre nos definiu, considerando a concepção acerca da alteridade. Por isso que de acordo com o projeto antropofágico de Oswald é essencial devorar, deglutir e transformar para que se possa reconstruir uma cultura genuinamente nacional que só ocorrerá não pelo fechamento, mas pela abertura ao “outro”, isto é, a outras culturas.

REFERÊNCIAS

- AFORISMO. In: **Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2004.
- ALMEIDA, Maria Cândida Ferreira de. “Só me interessa o que não é meu”: a *antropofagia* de Oswald de Andrade. Disponível em: http://sv2.fabricadofuturo.org.br/sitev1/fabricav4/ear_arquivos/someinteressaoquenaoe_meu.pdf
- ALTERIDADE. In: **Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2004.
- AMARAL, Sérgio da Fonseca. **Oswald de Andrade e a Revolução Caraíba – Terra Sem Mal e Pindorama**. XIV Congresso Internacional Abralic. 2015. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1456108011.pdf
- ANDRADE, Oswald de. **A Utopia Antropofágica**. 4ª edição. São Paulo: Globo, 2011
- ANDRADE, Oswald de. **Manifesto Antropófago**. Revista de Antropofagia, 1928.
- ANDRADE, Oswald de. **Serafim Ponte Grande**. 2ª Reimpressão. São Paulo: Globo, 2011.
- AZEVEDO, Ana Beatriz Sampaio Soares. Antropofagia – **Palimpsesto Selvagem**. São Paulo, 2012. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-04082016-165033/publico/2012_AnaBeatrizSampaioSoaresAzevedo_VOrig.pdf
- BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. **Revolução Caraíba: A Utopia Oswaldiana**. Revista Itinerários. Campinas-SP. n° 3. p. 129-134. 1992. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2403>
- BOPP, Raul. **Movimentos Modernistas no Brasil – 1922-1928**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 44ª edição. São Paulo: Cultrix, 2015.
- CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem & Outras Metas. Ensaios de Teoria e Crítica Literária**. 4ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 9ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006

CARDOSO, Jamille Oliveira Santos Bastos. **Conflito e Mediação na “Anticatequese” Indígena: a disputa da fé entre caraibas e jesuítas no cenário colonial**. XXVII Simpósio Nacional de História. Natal – RN. 22 a 26 de julho, 2013.

CEPPAS, Filipe. **Antropofagia e diferença: o matriarcado de Oswald como perspectiva anti-edipiana**. Revista Latino-americana do Colégio Internacional de Filosofia, nº 2. 2017.

CERQUEIRA, Carina. **Pensamento Antropofágico “Coloração” Tropical E Irreverência Teórica**. Revista de Estudos Interculturais do CEI – ISCAP, nº 3. maio. 2015.

CUNHA, Valdeci da Silva. **Oswald de Andrade: da “deglutição antropofágica” à “revolução comunista” (1923-1937)**. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

DIRENZI, Giovane. **Manifesto Antropófago: A primeira fase do modernismo em seu ápice**. Revista Boletim 3X22 – Edição Manifesto. nº 1. p. 30-33. Fevereiro, 2019.

FONSECA, Maria Augusta. **Antônio Cândido: Leitor de Oswald de Andrade**. Revista Literatura e Sociedade. P. 106-119. Julho/ Dezembro, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i30p106-11>

FREUD, Sigmund. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Vol. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1905.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu, Contribuição à História do Movimento Psicanalítico e Outros Textos**. Companhia das Letras, 1912-1914.

GALVÃO, Raíssa Varandas. **Manifesto e utopia: antropofagia e identidade nas reflexões de Oswald de Andrade como um intérprete do Brasil**. História, histórias, vol. 8, nº 15, jan/jun. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.26512/rhh.v8vi15i.26848>

JACKSON, Kenneth D. **A Prosa Vanguardista na Literatura Brasileira: Oswald de Andrade**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

JAYME, Maurício. **Tarsila do Amaral, pau-brasil, antropofagia e pintura social.** *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 10 abr. 1969, nº 23.308, pg.11, Ano LXVIII.

LIMA, Bruna Della Torre de Carvalho. **Vanguarda do Atraso ou Atraso da Vanguarda? Oswald de Andrade e os teimosos destinos do Brasil.** 230 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, 2012.

MARTINS, Lohaine Miguez; JUNIOR, Renato Marcelo Resgala. **Oswald de Andrade: Diálogos Antropofágicos.** Revista Transformar. Itaperuna-RJ. 11ª Edição. p. 19-40. 2017/2.

MOISES, MASSAUD. **Dicionário de Termos Literários.** 12ª Edição. São Paulo: Cultrix, 2004.

NODARI, Alexandre; AMARAL, Maria Carolina de Almeida. **A questão (indígena) do Manifesto Antropófago.** Revista Direito & Práxis. Rio de Janeiro. Vol. 9. N. 4, p. 2461-2502. Outubro, 2018.

NUNES, Benedito. **Oswald Canibal.** São Paulo: Perspectiva, 1979.

OLIVEIRA, David Barroso de. **O Homem Cordial e a Filosofia (Brasileira).** Revista Lampejo, nº 6. p. 04-23. Fev.2014.

PIRES, Eloá Carvalho. **Oswald(ing): Antropofagia, Culturas e Fronteiras.** Dissertação de Mestrado. Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, 2012.

RICUPERO, Bernardo. **O “original e a “cópia” na antropofagia.** Rio de Janeiro. Vol.08. p. 875-912. Set. / Dez, 2018.

SCHWARZ, Roberto. **Que Horas São? Ensaios.** 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SILVEIRA, ÉDER. **Tupi or not tupi: Nação e Nacionalidade em José de Alencar e Oswald de Andrade.** Dissertação (Mestrado em Filosofia e Ciências Humanas). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.